

em **Chaque** REVISTA DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DA BAHIA

SINDICATO
DOS BANCÁRIOS
DA BAHIA

CTB
Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil

Ano XIV - Nº 12
Maio 2010

VOCÊ NA LINHA DE FOGO

Falta de segurança nos bancos deixa bancários e população na mira dos assaltantes

77 *A nos*



1935, primeira diretoria do Sindicato dos Bancários da Bahia. O presidente José Mutti, terceiro sentado da esquerda para a direita, e sua equipe pioneira.

C ontra a exploração

ao seu lado



SINDICATO
DOS BANCÁRIOS
DA BAHIA

e a injustiça social

Muito a conquistar

Nesta edição comemorativa dos 77 anos de luta do Sindicato dos Bancários da Bahia, a revista Em Cheque destaca a insegurança que ameaça os funcionários, os clientes e a população em geral, em todas as agências do nosso sistema bancário.

Por absoluta irresponsabilidade dos banqueiros, que deixam de cumprir as leis e não investem em segurança, todos estão expostos aos tiros, sequestros, agressões e outras ações violentas praticadas pelos assaltantes.

Você vai ver também que os bancários, dos escriturários aos gerentes, sofrem ainda a constante ameaça de demissões, a obrigação do cumprimento de metas impossíveis, as doenças ocupacionais e a discriminação dos funcionários contratados a partir de 1998, que não têm os mesmos direitos dos mais antigos, especialmente nos bancos oficiais.

Por tudo isso, a categoria precisa continuar unida, em torno do Sindicato, para continuar lutando, sem trégua, pela recomposição dos salários, por melhores condições de trabalho, pela consolidação de todos os direitos conquistados até aqui. São 77 anos de resistência, de superação de desafios, de conquistas e de vitórias. Um marco histórico, que é referência para todo o Brasil. Nós podemos e devemos comemorar.

Adelmo Andrade



Revista do Sindicato dos Bancários da Bahia.
Editada sob responsabilidade da diretoria da entidade.

Endereço: avenida Sete de Setembro, nº 1001, Mercês, Centro — Salvador-Bahia-Brasil.

CEP: 40.060-000

Tel: (71) 3329-2333

Site: www.bancariosbahia.org.br

Email: imprensa@bancariosbahia.org.br

Presidente: Euclides Fagundes Neves

Diretor de Comunicação: Adelmo Andrade

Colaboração: Departamento de Imprensa

Projeto Gráfico e Editorial:



Rua Edna B. Santos, 291 - Portão
Lauro de Freitas - Bahia
CEP 42700-000 - Telefax (71) 3288-2039
quanta.comunica@gmail.com

Editores: Césio Oliveira e Vander Prata

Direção de Arte: Zimaldo Melo

Reportagens: Nelson Rocha, Edvaldo Esquivel e Vaneza Melo

Ilustrações: Márcio Lima

Revisão: Quanta Comunicação

Fotos: João Ubaldo, Manoel Porto, Silfredo Freitas, Agência A Tarde, iStock Photo e arquivo SBBA

Impressão: Muttigraf Gráfica e Editora

Tiragem: 20 Mil exemplares

Edição Fechada em 9 de maio de 2010

*Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores

Capa: Césio Oliveira, Vander Prata, Zimaldo Melo e Vaneza Melo

Foto Capa: iStock





6

Ping-Pong

***Euclides Fagundes
fala das lutas do
sindicato baiano***



10

demissões

***A fome do lucro
alimenta ganância
e gera desemprego***



16

assédio moral

***Em busca de
metas, banco
explora e oprime***



20

segurança bancária

***Bancos ignoram
lei e deixam o povo
na linha de tiro***



26

isonomia

***2010 é o ano de
aprovação da
isonomia salarial***



30

mulher

***Bancária busca
direitos iguais
a cada dia***



36

CTB

***Em defesa
do sindicalismo
com voz própria***



40

memória

***História de união,
muita luta e
conquistas à vista***



51

artigo

***O olhar de Jadson
Oliveira sobre
os líderes latinos***



É hora de lutar para recompor os salários

O Presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, Euclides Fagundes Neves conta aqui um pouco da história de um sindicato forte, combativo, sempre atuante na defesa dos interesses da categoria. Nessa entrevista aos jornalistas Césio Oliveira e Vander Prata, ele fala de grandes conquistas alcançadas, dos problemas atuais e, principalmente, das lutas que os bancários baianos enfrentam nesse momento.



Em Cheque - Conte um pouco da sua história à frente do Sindicato dos Bancários.

Euclides Fagundes - Eu participo da luta dos bancários desde a época da ditadura militar. Eu comecei a fazer política sindical em 73 já participando da organização da Oposição Bancária em 76. Em 75 a nossa chapa da oposição havia sido cassada. Era uma chapa encabeçada por Jadson Oliveira, jornalista, que trabalhava no Baneb. A chapa foi cassada e nós organizamos a oposição logo depois. Em 78 nós concorremos de novo e mais uma vez fomos barrados. Tivemos que ir para a Justiça porque a chapa da oposição não tinha sequer o direito de ter um fiscal na contagem dos votos.

Nesse momento quais eram as grandes reivindicações do sindicato?

EF - A luta pelo anuênio, que é o pagamento de um valor sobre cada ano de trabalho, começou pela Oposição Bancária. Fomos nós que lideramos essa luta. Nós tínhamos um trabalho muito grande junto à categoria e conquistamos o anuênio em 79. Conquistamos também a volta da data-base nos anos de 78 e 79. Porque na ditadura militar nós perdemos a data-base que era 1º de setembro. Passou para dezembro e depois baixou para 7 de fevereiro. Em 78 conseguimos que retornasse para 1º de janeiro e, em 79, para 1º de setembro. Isso unificava a data-base da

categoria em todo o País. E era o nosso interesse porque fortalecia ainda mais os bancários da Bahia. Nós sempre lutamos pelas campanhas unificadas nacionalmente.

Porque o Sindicato dos Bancários é atuante, vigoroso, cheio de associados, enquanto outras categorias não conseguem uma representação tão forte?

EF - A categoria dos bancários tem uma tradição de luta unificada, que tem raízes antigas. A reorganização do movimento sindical brasileiro foi fruto do pós-guerra. Em 1919, com o Tratado de Versalhes, se passou a cuidar não só dos interesses econômicos do capital. Trabalhadores na Europa, por exemplo, tinham direitos, enquanto em outros países não tinham direito nenhum. Então o Tratado nasceu de uma necessidade também do Capital, para que se estabelecessem alguns direitos para os trabalhadores e pudesse haver a concorrência normal internacionalmente. Por exemplo, o açúcar produzido aqui nas Américas pelos escravos, tinha o custo mais baixo do que o produzido em outros lugares onde os trabalhadores tinham direitos. Então, isso aí é a base principal.

Quando os bancários entram na luta?

EF - Aqui no Brasil, a implementação do Tratado de Versalhes, que concedia alguns direitos aos trabalhadores, atrasou bastante, porque nos anos 20,



aconteceram muitas revoltas, muitos levantes em nosso país. A partir daí valeu e foi fundamental a luta dos trabalhadores, a organização dos trabalhadores, com a influência da revolução russa, que repercutiu em todo o mundo. Novamente por necessidade do capitalismo, veio a fase de industrialização do Brasil na era Getúlio e implantou-se o novo sindicalismo. Não era um sindicalismo livre, era atrelado a Getúlio, mas foi um período muito importante, porque no início dos anos 30, começaram a surgir grandes sindicatos no país.

Nessa época surgiu o Sindicato dos Bancários da Bahia?

EF – O Sindicato dos Bancários da Bahia foi fundado em 4 de fevereiro de 1933. E, em 1934, a categoria bancária já fazia uma greve nacional unificada. Nós tivemos três grandes conquistas com essa greve. Tivemos a fundação do IAPB - Instituto de Aposentadoria dos Bancários, a estabilidade no emprego por tempo de serviço e ainda conseguimos, em parte, estabelecer a jornada de trabalho de seis horas. Então a categoria bancária tem tradição da luta unificada. Nos períodos de ditadura sempre tentam romper essa unidade como aconteceu na ditadura militar de 64, quando perdemos a data-base, mas nós recuperamos e sempre lutamos pela unificação da categoria nacionalmente. É por isso que a categoria é forte e participa de todas as grandes campanhas nacionais, como na luta pela anistia, contra a ditadura, pelas eleições diretas, no “fora Collor” e na eleição de Lula.

E hoje, nesse momento, quais são as grandes bandeiras de luta dos bancários?

EF – Os trabalhadores têm que

lutar constantemente. É uma luta permanente, porque nada cai do céu. Nos períodos de ditadura você luta para preservar seus direitos, para não tirarem os direitos conquistados. Nos períodos de liberdade, é o momento para você ampliar esses direitos ou reconquistar o que tenha sido perdido durante as ditaduras ou em governos retrógrados. Por exemplo, no governo de Fernando Henrique Cardoso nós tivemos muitas perdas, principalmente nos bancos oficiais. Agora, no Governo Lula nós tivemos reposições das perdas daquele período. Então o momento é de seguir e lutar para recompor o salário dos bancários, essa é a principal questão.

“ Todo dia acontecem assaltos, sequestros de funcionários e seus familiares. Isso ameaça o cliente também. Quantos clientes já não morreram em assaltos? ”

E a questão do anuênio para os novos funcionários?

EF – Temos que insistir na luta pelo pagamento do anuênio para toda a categoria. Nós temos, nos bancos oficiais, uma diferenciação para aqueles funcionários que entraram a partir de 98, que nós precisamos combater sem trégua. Nesse ano de 2010, um dos nossos focos principais é a intensificação da luta por igualdade de direitos e tratamento para todos os funcionários sem diferenciação. É a luta pela isonomia, especialmente nos bancos oficiais, mas também nos bancos privados.

Quais são os outros focos do

Sindicato no momento?

EF – Além da recomposição dos salários e da isonomia, nós temos outras questões fundamentais. A saúde, por exemplo. Os bancos não preservam como deveriam a saúde dos seus funcionários e nós somos uma categoria que sofre de muitas doenças ocupacionais, vivemos sob um estresse muito grande e isso provoca sérios problemas de saúde. A principal causa dessa situação inaceitável é o assédio moral. São aquelas metas impossíveis que os donos dos bancos impõem aos trabalhadores, do escriturário ao gerente.

As metas visam sempre mais lucro para os bancos, não é?

EF – Exatamente. Aí o caixa tem que cumprir meta, o gerente tem que cumprir meta, tem metas para todos. E quando ele consegue cumprir aquela meta, vem outra ainda mais exigente. Isso cria um clima insuportável, com muita pressão, tensão nervosa, doenças psíquicas, então a luta contra o assédio moral é muito importante.

Como os banqueiros lidam com isso?

EF – Eles querem mais lucro. Eles não se contentam com os lucros que já têm. Basta olhar a produtividade de cada banco, ano a ano. Então nós temos que lutar com a nossa capacidade de pressionar e envolver a população. Porque a luta do bancário não diz respeito só a ele. Não diz respeito só à questão salarial, ao combate às práticas abusivas, por melhores condições de trabalho, mas diz respeito também a questões relacionadas com a clientela, a própria população. Por exemplo, a questão da segurança bancária. Todo dia acontecem assaltos, sequestros de funcionários e de seus familiares, e isso ameaça

o cliente também. Quantos e quantos clientes não já morreram em assaltos a bancos? Então não é uma luta só do bancário. A população tem que se unir a nós e exigir dos banqueiros o cumprimento da lei que garante a segurança dos bancários e dos clientes.

A porta giratória, por exemplo, é uma exigência de lei, não é?

EF – Tanto a idéia da porta giratória, quanto a idéia da Lei dos 15 minutos, nasceram no Sindicato dos Bancários da Bahia. Uma ação liderada pelo então vereador Daniel Almeida, hoje deputado federal. Aliás, outra bandeira de luta que nós precisamos defender de forma articulada com a população é o cumprimento da Lei dos 15 minutos. É muito importante o cumprimento dessa lei por dois motivos: o primeiro é atender bem à população. Nós queremos atender bem à população e os bancos têm condições de melhorar o atendimento. O segundo motivo é que, para atender bem, os bancos tem que contratar mais funcionários e assim diminuir o estresse, especialmente daqueles trabalhadores que ficam na linha de frente.

Voltando um pouco à questão da segurança bancária, é verdade que os funcionários vítimas de violência dos bandidos, aqueles que são seqüestrados, agredidos, são sumariamente demitidos pelos bancos?

EF – É verdade. A maioria dos bancos demite. Nós temos aqui diversos casos, no nosso departamento jurídico, de funcionários demitidos que buscam a reintegração na justiça. Recentemente tivemos caso de um funcionário do Itaú, que foi seqüestrado, teve sequelas múltiplas, graves problemas de saúde e o Itaú demitiu,

não quis nem saber. Nós conseguimos a reintegração dele. Então é comum e não é só no Itaú. Tivemos casos no Bradesco, porque geralmente, quando ocorrem esses assaltos, o bancário é suspeito. Ele é vítima duas vezes: é vítima do ladrão e vítima do seu patrão.

“ Nós nunca deixamos de apoiar o Governo Lula. Mas na hora de defender os interesses dos bancários, nós vamos lutar da mesma forma que sempre lutamos. ”

Tem algum banco que respeite mais os funcionários, negocie mais, cumpra mais as leis ou são todos nivelados pela ânsia capitalista? Essa pergunta vale também para os bancos oficiais.

EF – Todos os bancos pensam no lucro. Mas a nossa posição é sempre de defesa dos bancos públicos, por entender que o banco público é o balizador, não só dos empréstimos, das menores taxas de juros, que vão servir para diminuir a própria taxa de juros do mercado, o que vai ajudar no desenvolvimento do país, enfim, essa é a concepção que temos de banco público. Com relação ao tratamento com os funcionários, os bancos privados são muito mais cruéis, mas nós enfrentamos problemas muito sérios também nos bancos públicos, inclusive de assédio moral.

Por que os bancos privados são mais cruéis?

EF – É muito mais complicada essa relação. Eu vi recentemente uma ação no Ministério Público contra o Bradesco porque um funcionário foi proibido de usar

barba e cabelo grande. Ainda existe isso...

E com relação ao preconceito contra homossexuais ainda existe também?

EF – Existe. Os bancos são espelhos da nossa sociedade. Porque a discriminação quer seja de raça, de gênero ou de sexo, está impregnada na nossa sociedade e os bancos não são diferentes. O nosso sindicato combate a discriminação em todos os níveis.

Para encerrar, gostaríamos que o senhor explicasse aos bancários, principalmente àqueles que não acompanham a política mais de perto, porque o Sindicato da Bahia deixou de ser ligado à CUT e hoje está ligado à CTB.

EF – É que nesse momento do Governo Lula, algumas pessoas, alguns segmentos, confundem a questão dos interesses dos trabalhadores com as questões do governo que estão apoiando. Nós em momento algum deixamos de apoiar o Governo Lula, mas na hora de defender os interesses dos bancários, nós vamos lutar da mesma forma que sempre lutamos. Apoiamos com independência, enquanto muitos segmentos da CUT, especialmente a corrente majoritária passou a praticar um sindicalismo que alguns chamam de chapa branca. Houve a divergência, não houve acordo e o Sindicato dos Bancários da Bahia ajudou a fundar a CTB - Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, tendo a compreensão da independência do movimento sindical em relação ao governo. E hoje, a CTB prova que está na linha correta, tem dois anos de fundada e já a terceira maior central sindical do país. ♦

 Banco Santander





No olho da rua

Na República dos Banqueiros, a fome de lucro alimenta a ganância: bancos demitem 16.786 bancários em 2009, pioram o atendimento ao cliente e espalham o medo e a insegurança entre os funcionários. Em 1989, eram 27.068 bancários empregados na Bahia. Hoje, apenas 17 mil.

A fúria e a fome de lucro dos banqueiros tem literalmente jogado o bancário no olho da rua, com o drama do desemprego rondando milhares de famílias, um processo acelerado nas últimas décadas. Os empregados sendo substituídos por caixas eletrônicas. E o nefasto resultado salta aos olhos: o cliente prejudicado e desrespeitado, as agências funcionando de forma cada vez mais precária e impessoal, e trabalhador sem emprego. Enquanto os clientes são submetidos a um atendimento cada vez pior, os bancos reduzem o número de funcionários. Pode? De acordo com dados do Sindicato dos Bancários da Bahia- SBBA, em 1989 o número de empregados era de 27.068 e hoje o número chega a 17 mil trabalhadores.

A irresponsabilidade social dos bancos é evidente quando se constata o alto número de demissões, nesta contínua política de diminuição de pessoal de atendimento e trabalhos internos, apesar dos lucros bilionários que se repetem ano após ano. Um número altíssimo se comparado aos números de desempregos de outros setores no país. O resultado é sentido por toda a população, principalmente as pessoas que utilizam os serviços bancários diariamente. As filas são constantes e irritantes e mesmo após a obrigatoriedade da Lei Municipal 5.978/01, mais conhecida como Lei dos 15 minutos, os transtornos continuam, os clientes permanecem reféns dos banqueiros e os bancários atormentados pelo fantasma da demissão, que pode vir a qualquer hora, sem quaisquer justificativas. Não há bancário que tenha sono tranquilo.

O corte brutal dos postos de trabalho das empresas está na contramão da própria economia do país.

Em 2009, mesmo com o cenário de crise financeira mundial, o Brasil mostrou forças para superar as dificuldades e criou 995.110 novos empregos formais. Mas os dados oficiais do Dieese dão conta que de janeiro a dezembro de 2009 foram desligados do emprego (demissões sem justa causa) nada menos que 16.786 bancários. Ou seja, 55,89% do setor em todo o país, que tinha uma remuneração média de R\$ 3.866,75. Esta pesquisa traz registros preocupantes, pois nos meios sindicais antes já se falava em algo em torno de dez mil funcionários, inclusive na Bahia.

O que mais se alardeia nos dias atuais é que o poderoso sistema financeiro brasileiro vive uma bonança sem precedentes, que transformou os bancos em verdadeiras fábricas de fazer dinheiro. Este desempenho é confirmado com os lucros líquidos dos seis maiores bancos em 2009 (Banco do Brasil, CEF, Itaú/Unibanco, Bradesco, Santander e HSBC), que chegou a R\$ 37, 42 bilhões, um aumento de 5,41% em relação a 2008. Na outra ponta da amargura estão os empregados, pressionados, ameaçados, e convivendo com o medo diário da demissão.

No Brasil, a situação não é diferente. O IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) classificou, em abril do ano passado, o sistema bancário brasileiro como – incompleto -. O instituto constatou que nos últimos dez anos, o número de bancos no Brasil caiu de 230 para 156, bem como a quantidade de agências bancárias, que era de uma para cada 8.530 pessoas e atualmente apenas uma para cada 10.145 habitantes.



No mundo encantado que os bancos vendem não existem filas nem desrespeito aos clientes

Propaganda enganosa na TV

Podemos lembrar inúmeras propagandas de um mundo maravilhoso de atendimento bancário que jamais se vê na prática. Por que propaganda de banco é quase sempre propaganda enganosa? É um mundo encantado, a propaganda de bancos na televisão, só ali isto se vê. A realidade é visível, basta ir a qualquer agência de qualquer banco. A melhor palavra para descrever o caos nos bancos é ineficiência, clientes extremamente insatisfeitos. De forma comum, correntistas reclamam das longas filas, "que poderiam ser aliviadas com a manutenção e novas contratações de bancários", como defende os bancários, através do presidente do sindicato, Euclides Fagundes.

Para o cliente do Banco do Brasil, Iraci Bispo, as enormes filas devido ao número pequeno de empregados são a prova da falta de respeito das empresas. Reclamação idêntica à de Carlito Góes e Carlos Eduardo, que passaram mais de 20 minutos na fila do atendimento geral da Caixa para resolver problemas na conta.

Sem interesse em resolver os problemas da população, os banqueiros demitem os funcionários e os que ficam pagam o ônus com mais trabalho e pressão para cumprir as metas. Aliado a tudo isso, está a venda de serviços, que cresce vertiginosamente, obrigando empregados a se empenharem no convencimento aos clientes de comprarem novos serviços bancários. O resultado é o empregado pressionado e sobrecarregado por ocupar mais de uma função e o consequente aumento assustador do número de doenças ocupacionais.

Demissão reduz salário

Na República dos Banqueiros, a política de esperteza dos bancos não tem limites, acusa o sindicato baiano. As empresas aproveitam a rotatividade para baixar a média salarial dos trabalhadores e ainda mantêm a discriminação em relação às mulheres, que são contratadas com salários inferiores aos dos homens. Estes fatos tem sido denunciados à exaustão nas edições de O Bancário, o único jornal diário dos trabalhadores no Brasil.

De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, Caged, a remuneração média dos admitidos foi de R\$ 2.099,83, enquanto que as pessoas desligadas ganhavam R\$ 3.509,59, redução de 40,17%. Em 2008, a remuneração média dos admitidos foi de R\$ 1.959,84 e a dos desligados R\$ 3.325,89, diferença de 41,07%. Os dados revelam ainda que a média de salário no setor é de até três salários mínimos.

Privados demitem mais

Os bancos privados foram os que mais demitiram no ano passado, segundo a pesquisa do Caged. Enquanto o Banco do Brasil e a Caixa tiveram saldo positivo de 972 e 3.131 novos empregados, respectivamente, as quatro maiores organizações financeiras (Itaú Unibanco, Bradesco, Santander e HSBC) demitiram 11.582 bancários. O campeão em demissões foi o Itaú Unibanco. Os dados não consideram trabalhadores terceirizados, estagiários e outros profissionais.

O BB e a Caixa garantiram, na campanha salarial de 2009, a contratação de 15 mil funcionários até 2011. No entanto, mesmo com o déficit de empregados, os dois bancos abriram concurso para o preenchimento de cadastro reserva. Vale lembrar que muitos aprovados nos últimos concursos, realizados nos anos de 2006, 2007 e 2008 ainda aguardam para serem chamados.

Os indicadores reforçam a luta pela geração de emprego e melhoria do salário para a categoria, uma das mais castigadas pela pressão dos patrões e com alto grau de doença em decorrência dos abusos e do assédio moral.

O Sindicato dos Bancários da Bahia entende que os bancos precisam contratar mais funcionários. E não demitir os que têm, como fazem hoje. A diretoria considera uma contradição as demissões e calcula que se fosse contratar o necessário para suprir efetivamente o setor, seriam precisos 30% do atual contingente no país. Uma defasagem enorme depois de tantas fusões de banco e enxugamento de funcionários que ocorreram recentemente”, pontua o presidente do Sindicato, Euclides Fagundes.

Outro reflexo negativo importante para o movimento sindical baiano é na saúde dos bancários, em grande parte atingida por doenças ocupacionais. “O estresse provocado pela sobrecarga de trabalho a que os bancários estão submetidos, muitas vezes, até sem condições de reclamar para não perder o emprego, contribuem para que as doenças ocupacionais aumentem entre nós, afirma o presidente do SBBA.

Fusão de lucros gera desemprego

As demissões de há muito fazem parte do processo de concentração dos bancos no Brasil e na Bahia. Surgem, sempre, nos momentos de fusão ou venda. O sindicato acompanhou e denunciou as primeiras levas de grandes demissões em pelo menos três momentos. Primeiro, ainda em 1974, com a venda do Banco da Bahia para o Bradesco. Depois, a venda do Banco do Estado da Bahia - Baneb, para o Bradesco, em 1998. E, em terceiro, o processo de quebra do Banco Econômico, que foi sendo vendido para o Bibao-Biscaya e, por fim, ao Bradesco.

Esses bancos tinham em torno de 24.500 bancários contratados. E hoje este contingente, com o processo de concentração do Bradesco, está reduzido a 4 mil pessoas, além dos próprios funcionários do banco. Foram cerca de 20 mil postos de trabalho perdidos no período. Euclides Fagundes lamenta que hoje não se permite mais que o bancário faça carreira, como antigamente: “O funcionário se transformava na prata da casa, por sua dedicação ao trabalho. Era reconhecido socialmente, era uma referência do próprio banco. Gozava da estabilidade que lhe permitia chegar à aposentadoria sem grandes tropeços. Tinha um status. Em tempos de concentração, o bancário virou um estorvo. É triste!”

As fusões resultam inevitavelmente em menos empregos. As fusões dos bancos Santander e Real; Itaú e Unibanco; Banorte e um banco sergipano, são exemplos mais recentes e preocupantes para o Sindicato.



No mundo real das agências, demissões dos bancários e humilhação para os usuários

Hora de dar um basta

Diante da alta lucratividade dos bancos, o movimento sindical defende ações mais objetivas contra as demissões. No Brasil, entra crise e sai crise, a lucratividade continua numa curva ascendente. “Por isto, precisamos estar unidos para exigir dos bancos todas as suas obrigações. Inclui a de oferecer um bom atendimento à clientela, sem filas nos caixas e terminais”, pontua o presidente Euclides Fagundes.

Hoje, a luta do Sindicato dos Bancários é contra o rebaixamento de salários e, sobretudo, por Isonomia Salarial entre antigos e novos funcionários de bancos públicos. Para o presidente da entidade, o objetivo é contrapor-se ao processo de demissões no setor, por isto a insistência na Isonomia. Lutam também pela ratificação da Convenção 158 da OIT, que significa a proibição do empresário de praticar demissões imotivadas. O movimento sindical brasileiro sabe que vai ter que enfrentar a pressão dos empresários. Mas acredita na mobilização dos trabalhadores, “fundamental para a continuidade da luta contra as demissões ilegais. O importante é que o movimento sindical brasileiro está firme nesta posição patriótica em defesa da Convenção 158 da OIT”, acrescenta.



Euclides Fagundes e bancários defendem também os direitos dos clientes



Lei dos 15 minutos

Uma lei que ainda não pegou pra valer

No último mês de março, a fiscalização da Lei dos 15 Minutos autou seis agências bancárias somente no bairro da Pituba. As agências não cumpriam o prazo legal de espera no atendimento aos clientes: Banco do Brasil (três), Unibanco (uma), Bradesco (uma) e Caixa Econômica Federal (uma). A cada ocorrência deste tipo, a agência é multada em R\$5 mil e, no caso de reincidência, o estabelecimento pode ser interditado. Para o presidente do Sindicato dos Bancários, Euclides Fagundes, "os bancos preferem correr o risco de pagar uma multa, que para eles não é tão cara, a contratar mais funcionários para colocar nos caixas".

Depois de tanto tempo de promulgada, a Lei dos 15 Minutos ainda não se consolidou. Seria o karma das leis que não pegam neste país? O Sindicato dos Bancários da Bahia alega, por exemplo, que o Bradesco, além de ser o banco campeão em demissões e desrespeito aos direitos dos trabalhadores, também dá um péssimo atendimento à sua clientela. Basta dar uma passada em qualquer agência da rede para se constatar: filas permanentes nos caixas e terminais de máquinas eletrônicas, pessoas irritadas.

Só para refrescar a memória, a Lei Municipal 5.978/2001 - a dos 15 Minutos - é de autoria do então vereador Daniel Almeida (PCdoB), que hoje é deputado federal. Ela determina que o cliente do banco fique no máximo 15 minutos aguardando atendimento, exceção apenas para o primeiro dia útil depois de um feriado, quando este tempo dobra. Algumas redes bancárias hoje já conseguiram implantar o sistema de senha eletrônica.

Na primeira fase houve muita resistência. A fiscalização comprovou que mesmo depois de autuadas e multadas, algumas agências bancárias continuavam a desrespeitar os direitos do cidadão. Em 14 dias de fiscalização da Lei dos 15 minutos, a Secretaria Municipal de Serviços Públicos (Sesp) chegou a visitar 190 agências bancárias Salvador, constatando que a maioria dos bancos não cumpria a legislação. E mais: das unidades então visitadas, 78 foram multadas e 72 notificadas. Contudo, as autuações ainda continuam, assim como as filas, o que leva muita gente a insinuar que a Lei dos 15 Minutos, infelizmente, ainda não representou mudanças concretas.

Opinião



Daniel Almeida

A lei é para gerar emprego... e bom atendimento!

A Lei dos 15 Minutos foi uma iniciativa nossa, quando eu era vereador de Salvador. A aprovação da Lei na Câmara Municipal contou com o apoio da população soteropolitana, especialmente do segmento bancário, que apostou na idéia e foi para as ruas defendê-la. A obrigatoriedade dos 15 minutos para o atendimento bancário representa mais emprego no setor, e acima de tudo, respeito ao cidadão consumidor, que já sofre com as grandes tarifas aplicadas pelos bancos.

Uma das conquistas recentes, importante na luta pela aplicação da lei pelos Bancos, foi a decisão favorável da Justiça Federal à Ação Civil Pública proposta pelo Ministério Público Federal da Bahia, obrigando os bancos a cumprirem a Lei e com isso assegurar o mínimo de qualidade e agilidade no atendimento bancário.

Daniel Almeida é Deputado Federal, PCdoB-BA



O tormento trabalha ao lado

A carga horária é exaustiva, o chefe exige o cumprimento de metas absurdas e a venda de produtos extras. A tormenta diária se reflete na insônia, depressão, estresse e transtornos mentais graves, até mesmo suicídios. É a rotina das vítimas de assédio moral, nas agências do Brasil.

A falta de consciência e o medo de perder o emprego são fatores que impedem o empregado de denunciar o sofrimento provocado por quem trabalha ao seu lado. De acordo com o Departamento Jurídico, as pessoas, geralmente, só entram com processo contra o banco depois que saem da empresa, pois temem a demissão. A pressão para bater metas nas agências deixa o ambiente de trabalho insuportável. Os funcionários dos bancos são obrigados a vender produtos a todo o custo para os clientes.

O Departamento de Saúde registra que o banco com maior índice de queixas por assédio moral no Sindicato é o Bradesco. Funcionário do Bradesco há 29 anos, Ilton Reis iniciou ação contra a empresa por assédio moral. “Estou

afastado há 5 anos pelo INSS por motivos de saúde. Eu ouvia chacotas, era exposto ao ridículo na frente de todos”. Mas, com as incorporações, fusões e aquisições, as reclamações contra o Itaú Unibanco, Santander Real e HSBC aumentaram significativamente.

A pressão exercida para que o bancário venda serviços e conquiste mais clientes, em busca de maiores lucros para a empresa, deixa a categoria vulnerável e influencia diretamente o seu desempenho no trabalho. O trabalhador passa a ser muito pressionado para cumprimento de tarefas, sob pena de perder o emprego. Surge, então, a pressão psicológica que leva o empregado ao estresse e ao limite de sua capacidade de produção.

O clima de terror gera insegurança

O assédio para a conquista de metas decididas pelos diretores provoca diversos transtornos mentais e chega até ao absurdo de levar a tentativas de suicídio e em alguns casos até ao óbito. As vítimas, de acordo com os dados e documentos do Departamento de Saúde do Sindicato, geralmente ficam em estado lastimável e muitas desenvolvem a Síndrome de Pânico.

É evidente que o clima de terror não afeta apenas a vida profissional da vítima, mas também o seu dia-a-dia, sua relação com a família, os amigos e colegas de trabalho. Sempre há testemunhas mesmo que ocultas dos assédios praticados pelos chefes em busca de balanços fartos e fabulosos. Pesquisa divulgada recentemente pela Universidade de Brasília revelou que 181 bancários cometeram suicídio entre 1996 e 2005. Os trabalhadores submetidos a estes constrangimentos devem procurar o Departamento Jurídico do SBBA para obterem esclarecimentos sobre os direitos e, se quiserem, entrar com ação por danos morais contra a empresa.

Os bancários tiveram recentemente mais uma vitória na Justiça. O Ministério Público do Trabalho reconheceu a prática de assédio moral sofrida pelos empregados e instaurou inquérito civil público contra o Banco do Brasil. Outro ganho de causa coletiva foi contra o Bradesco, também por assediar moralmente os empregados, em 2009.

O sofrimento acaba em demissão

Atitude sutil e pernicioso do patrão contra o empregado, que traz graves efeitos psicológicos, o assédio moral é repudiado por um conhecedor profundo da questão: José Barberino, diretor de Saúde do Sindicato dos Bancários da Bahia. Ele diz que esta prática é também chamada, apropriadamente, de “violência moral” e desde os anos de 1990 vem sendo estudada em universidades européias.



O diretor de Saúde esteve recentemente em Cuba, participando do III Congresso Internacional de Saúde e Trabalho. Em Havana, teve a oportunidade de entrevistar duas estudiosas famosas do assédio moral: Dra. Margarida Barreto (Brasil) e Dra. Lúcia Guevara (Cuba). Uma das maiores autoridades mundiais no assunto é a pesquisadora, psiquiatra e psicanalista francesa Marie-France Hirigoyen,

que cunhou o conceito final sobre o tema polêmico: “Antes, pensava-se que era um desvio de conduta e hoje se sabe que se trata de um conceito arraigado à administração das empresas”.

Ou seja, José Barberino acredita que “evoluímos de um conceito individualista para um conceito coletivo”, aliás, como defende também a médica Margarida Barreto. Diz ela: “As empresas se não estimulam enquanto via institucional, pelo menos não coíbem. Portanto, são responsáveis”. O diretor lembra que “o sofrimento mental dessas pessoas é enorme”. Funcionárias ou funcionários que antes eram considerados capazes, alguns receberam até prêmios por suas atuações, por atingirem metas, de repente, de uma hora para outra, começam a sofrer os mais diversos tipos de provocações e perseguições gratuitas.

As consequências, como todos sabem, são bastante graves. O assédio moral provoca diversos transtornos mentais e chega até ao absurdo de levar a tentativas de suicídio, ou em alguns casos ao óbito. Barberino relata ainda que “a prática ocorre principalmente nas grandes corporações, sendo que os bancos, por suas peculiaridades -concorrência acirrada, metas cada vez maiores e inatingíveis, pressão dos chefes sobre os subordinados, atividade estressante- são um campo enorme para a proliferação desses casos”.



“O que pude constatar é que o mundo do trabalho está se tornando cada vez mais penoso(...) que se trabalha cada vez mais e em condições que são psicologicamente cada vez mais duras. Talvez fisicamente, o trabalho, hoje, seja mais leve, mas psicologicamente o trabalho é cada vez mais áspero e pesado...”

Marie-France Hirigoyen
Pesquisadora e psiquiatra francesa

O caminho é denunciar

“O assédio moral é uma questão muito delicada, por mexer com os brios e sentimentos do ser humano e sempre é praticado por um superior hierárquico”, afirma convicto o advogado do Sindicato dos Bancários da Bahia, Marcelo Souto Maior: “O agravante é que no plano interno de empresa é visto como normal, uma questão de batimento de meta”, define.

O que fazer diante desta situação de absurdos? O ambiente de trabalho, antes sadio e próprio ao convívio entre colegas, desmorona na mesa das tarefas cotidianas. As demissões surgem do nada. Qual o caminho a seguir? O diretor de Saúde e o advogado sinalizam o mesmo rumo: “Procurar a Justiça do Trabalho”.

Muitos processos estão em tramitação no TRT-BA ou em recurso no TST (Brasília), contra empresas que praticam o assédio moral para se livrar

de empregados: “Nós temos acompanhado, e muito já se avançou nas decisões judiciais, inclusive aceitando provas testemunhais e também gravações realizadas sem o conhecimento do assediador”.

Existem ainda em menor número os casos de assédio sexual, que não são raros nos meios bancários da Bahia. Porém, são difíceis de serem comprovados, principalmente quando são as mulheres as atingidas, pois tendem a ficar caladas, preocupam-se mais com a imagem, a invasão de privacidade. São de igual modo passíveis de imediata denúncia ao sindicato. Além de se dirigir ao Sindicato, o bancário pode ir à SRTE (Superintendência Regional do Trabalho e Emprego), Ministério Público do Trabalho, Cerest (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador) e Cesat (Coordenadorias Estaduais de Saúde do Trabalhador).



O Departamento de Saúde do SBBA informa: a síndrome do túnel de carpo, tendinite crônica nos membros superiores, hérnia de disco na cervical e na lombar são as doenças que mais costumam acometer os bancários. Somente em 2009, cerca de 1.500 trabalhadores lesionados procuraram o setor. A empresa campeã em reclamações é o Bradesco.

O drama de Lúcia, ex-bancária



“Acredito que uma ação na Justiça, tanto a minha como a de muitos outros colegas bancários, se a causa for ganha, possa trazer algum tipo de reparação. Mas nunca o esquecimento por tamanha humilhação e constrangimento sofridos”.

Lúcia M. Pereira, ex-bancária, vítima de assédio moral

A baiana Lúcia M. Pereira foi uma das vítimas do assédio moral. Leia o que ela diz:

- Prestei serviço ao Unibanco durante quatro anos. O assédio moral que sofri se evidenciava na forma como eram cobradas as metas. Além de serem quase impossíveis, mesmo se realizadas, eram tratadas como banais, pois eles queriam sempre mais.

Em outro trecho de seu depoimento, a ex-bancária (que está com uma ação na Justiça do Trabalho da Bahia) relata que nas reuniões que aconteciam na

agência bancária quase diariamente o constrangimento vinha do chefe aos subordinados:

- Ele me chamava de incompetente em particular e em público.

O chefe intimidava sem meias palavras:

- Ele dizia assim pra mim, “como você vai ficar se perder este emprego, hein?”

Lúcia lembra que vivia diariamente sob pressão psicológica, obrigada a trabalhar além da jornada de trabalho permitida por lei, sob ameaça de que, se as metas não fossem

alcançadas, seria demitida. O certo é que a autoestima de Lúcia estava sempre a zero, o que se refletia na vida pessoal. “Descarregava toda a minha angústia e insatisfação nos meus familiares”, lamenta-se.

Por fim, um desabafo que sintetiza todo o mal do assédio moral: “Acredito que uma ação na Justiça, tanto a minha como a de muitos outros colegas bancários, se a causa for ganha, possa trazer algum tipo de reparação. Mas nunca o esquecimento por tamanha humilhação e constrangimento sofridos”.

Justiça tarda, mas não falha

Neste primeiro semestre de 2010 já ocorreram inúmeros casos de demissões fruto de assédio moral e que se transformaram em ações na Justiça do Trabalho. Um exemplo: no início deste ano, o gerente do banco HSBC, Luciano de Almeida, demitido após quase 30 anos de casa (junho de 1981 a janeiro de 2009). Um outro exemplo de pedido de ação trabalhista por assédio moral, a favor de Sérgio

Morais, gerente demitido após ter sido vítima de sequestro. A ação agora está em Brasília (TST), pois o banco recorreu da sentença favorável do juiz do TRT-BA. Mas o advogado do Sindicato adianta que já foi uma vitória porque o entendimento predominante na Justiça é o de tratar-se de segurança pública e não de responsabilidade do empregador.





Só pensam no lucro e de

De agosto de 2009 a maio de 2010, foram 31 assaltos na Bahia. A falta de segurança é tão evidente que os bandidos chegam a anunciar o próximo roubo. Os bancos não cumprem normas mínimas de segurança (Lei 7102/83). Os bancários e clientes vivem em permanente clima de medo.

A margosa, segunda-feira, 8 de fevereiro de 2010. Vinte homens encapuzados e armados com fuzis invadem a cidade, atiram, roubam uma casa lotérica, uma loja, e assaltam dois bancos. A cena de terror vivida pelos moradores da cidade, 35 mil habitantes, a 235 km de Salvador, culminou com disparos em vários estabelecimentos comerciais, que resultaram em ferimentos leves provocados por estilhaços de vidros, e troca de tiros com uma viatura da Polícia Militar.

Divididos em dois grupos, o bando rendeu os

seguranças e realizou os assaltos às agências bancárias da Caixa Econômica e do Banco do Brasil. Clientes e funcionários foram trancados dentro do banheiro, enquanto o gerente de um dos bancos, um policial e dois seguranças eram feitos reféns.

Na mesma data, em Capim Grosso, a 272 km da capital, outra ação cinematográfica durou menos de 20 minutos. A agência do Banco do Brasil foi assaltada por três homens, um deles trajado como policial, que aproveitaram a tranquilidade interiorana daquela tarde de verão para também renderem



A população de Ibirapitanga ficou em pânico com a ação de nove bandidos encapuzados e fortemente armados que roubaram o Banco do Brasil e sequestraram o gerente e o vigilante, no dia 5 de maio

desprezam vidas humanas

seguranças e funcionários, limpem caixas e cofres e levarem pistola e coletes do segurança, além do sistema de filmagem interna da agência.

Os números revelam-se assustadores: de agosto de 2009 a maio de 2010, foram contabilizados cerca de 30 assaltos a bancos no interior e na capital da Bahia. A falta de segurança dos bancos é tão absurda que em alguns casos os bandidos chegam a anunciar os próximos assaltos. Foi o que ocorreu em Paramirim, a 742 quilômetros de Salvador onde a agência do Banco do Brasil foi roubada duas vezes pela mesma quadrilha. Um empresário da região conta que foram momentos de muita tensão: "Foi uma triste experiência presenciar a tensão dos reféns e funcionários, que a qualquer momento poderiam levar um tiro e morrer", descreve.

A professora de educação física, Eneida Baptista, apesar de não ter presenciado nenhum roubo, também se sente insegura e tem muito medo de entrar nas agências localizadas no centro de Salvador. "A gente começa a observar que o cuidado não é com a gente. Outro dia, minha mãe e eu tivemos que sacar um valor alto e preferimos não fazer a opção pela agência Bradesco da avenida Sete de Setembro, pois não existe estacionamento no local. Fomos para a Barra. Incomoda também a exposição que sofro cada vez que tenho que retirar tudo de dentro da bolsa para passar na porta giratória, como celulares, notebook, ipod, etc. É uma invasão de privacidade e uma isca para um ladrão. A impressão que tenho dos bancos é que o que importa é guardar o dinheiro e não a vida da gente".

As vítimas ainda são demitidas

A sensação descrita pelos clientes mostra a fragilidade com que o assunto segurança é tratado hoje pelos banqueiros, especialmente no que diz respeito à preservação da vida e da saúde, quando expõem os bancários, os familiares e clientes a risco de morte, traumas, marcas e sequelas, que refletem futuramente sobre a saúde física e mental de quem se torna vítima da violência.



José Barberino

O sindicato dos Bancários da Bahia, através do diretor de Saúde, José Alberto Santana Barberino, revela que é comum um estresse pós-traumático (ver box) em quem sofre este impacto psicológico. “Foi o que aconteceu com um gerente em Salvador. Ele passou por essa indesejável experiência de um roubo. Na época, inclusive com família sequestrada. Três dias depois do episódio, ele seguia de carro para a agência e no caminho perdeu a memória. Então, parou num local, saltou do carro, começou a olhar os documentos e viu a carteirinha do plano de saúde e ligou para 0800 pedindo socorro. O pessoal do plano foi ao seu encontro e o resgatou”, relata Barberino que acompanhou de

perto o caso.

Além do estresse pós-traumático causado pelos assaltos e sequestros, os bancários sofrem uma violência explícita. Eles se tornam vítimas de demissões que são justificadas pela redução da capacidade funcional ou pela “entrega de função”, quando os bandidos incluem familiares em seus assaltos ou sequestros.

O diretor de Saúde do Sindicato dos Bancários faz um alerta: o bancário vítima de assalto não é sequer obrigado a trabalhar no dia seguinte após o ocorrido. “Ele pode inclusive ser afastado e por mais tempo se for necessário. Em Amargosa, nós temos uma colega que está até hoje afastada, por conta do assalto. Os bancos particulares, principalmente, obrigam o trabalhador retornar ao serviço no próprio dia do evento. Isto é um erro, um equívoco enorme. O sindicato não concorda com essa atitude”, enfatiza.

Para José Barberino, a fragilidade da segurança bancária está na falta de investimentos que deveriam começar dentro das agências, com um número maior e melhor qualificado dos efetivos. Ele destaca que também é preciso armamentos mais modernos no combate ao crime e investimentos na proteção ao cidadão na web: “Os bancos representam a parte da economia que mais lucra neste país. É uma transferência brutal do capital produtivo para o capital especulativo. Empresas de grande porte no país lucram menos do que o menor banco do Brasil. Portanto, eles têm condições de gastar um dinheiro a mais para proporcionar uma melhor condição de vida aos trabalhadores e aos clientes”, concluiu.

Muito lucro e segurança zero

Para entender melhor porque acontecem os episódios descritos no início desta reportagem, que mais parecem cenas de faroeste, é preciso conhecer algumas das principais falhas que colocam em risco a vida do bancário e do cliente e deixam à mercê dos bandidos milhares de vidas. Mesmo existindo a Lei 7102/83, que determina várias obrigações preventivas dos banqueiros com relação à segurança, vários itens não são cumpridos.

Não é raro entrar em uma agência e observar que o plano de segurança está vencido, os números de vigilantes são insuficientes, os alarmes ou aparelhos eletrônicos (como câmara de vídeo) estão quebrados. Foi o que aconteceu no último dia 12 de abril, na agência do Banco do Brasil, na cidade de Candeal, 167 km de Salvador. Quinze assaltantes utilizaram dinamite para invadir a agência e estourar o cofre de onde levaram todo o dinheiro, cujo valor não foi revelado, o que é praxe das empresas assaltadas. A explosão abriu um buraco na casa vizinha ao banco. A agência não possuía vigilante noturno nem circuito interno de câmeras.

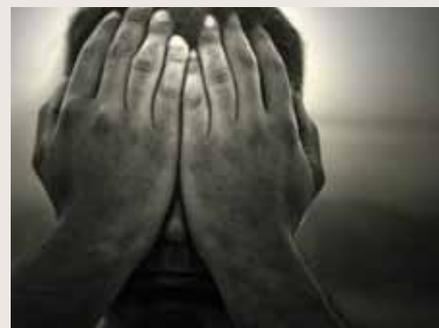
A Federação Brasileira de Bancos (Febraban), através da Associação dos Bancos do Estado da Bahia (Asbeb), afirma que os bancos investem anualmente R\$ 7,5 bilhões em segurança física nas 20 mil agências espalhadas pelo Brasil. A entidade oficial dos bancos consultada sobre o assunto, respondeu à revista Em Cheque que “os bancos têm adotado diversas medidas entre elas, orientar e treinar os funcionários para que observem e identifiquem

pessoas suspeitas, que permanecem na área de atendimento ao público sem realizar qualquer serviço bancário, como forma de dificultar e desestimular a ação de “olheiros”. Disse também que estimula ações conjuntas com órgãos policiais para que intensifiquem as rondas ostensivas nas imediações de áreas com agências bancárias, para evitar as ações dos criminosos. Apenas isso.

Banco não cumpre lei e nada sofre

Tudo isso é muito pouco, até porque os bancos burlam a lei e sequer respeitam as normas mínimas de segurança. O capitão da Polícia Militar do Estado da Bahia, Everaldo Maciel, alerta que as rondas ostensivas são em prol da comunidade e não dos bancos, e adverte que se cumpra a lei: “Se existe a necessidade de garantir a segurança da população local porque pode ocorrer algo, nós estaremos lá. Nós monitoramos áreas que podem ser alvo de assalto, mas isso não quer dizer que os bancos não devam cumprir a Lei 7.102/83. É fundamental que se tenha vigilantes bem preparados, com cursos periódicos, alarmes, equipamentos eletrônicos, como vídeo, portas giratórias e cabine blindada que dificultem a ação dos bandidos”.

Mesmo com os apelos do capitão da PM basta dar um giro pelas agências bancárias dos bairros de Salvador e constatar a falta de equipamentos. Um cliente, que não quer ser identificado, afirmou para a reportagem que estava numa agência no bairro do Canela, em Salvador, e presenciou uma cena que lhe trouxe pavor. Vejam o que diz: “Dois rapazes entraram na agência de



O trauma da violência é terrível

A pessoa que sofre um trauma, seja por presenciar um assalto ou qualquer outro ato de violência, pode desenvolver o estresse pós-traumático. Os sintomas que podem indicar a doença são a insônia, crises repentinas de choro, lembranças do ato de violência sofrido, falta de interesse nas atividades, distanciamento afetivo, irritabilidade, hipervigilância.

A partir desses sintomas, pode também desenvolver variados tipos de doenças como gastrite, hipertensão arterial, sangramento, entre outros. Não existe um período definido para que surja o estresse pós-traumático e quando aparece o tratamento deve ser acompanhado por um psicoterapeuta ou psiquiatra.

Para os bancários se prevenirem, é preciso que as instituições bancárias invistam cada vez mais em medidas de segurança, treinando o vigilante, colocando equipamentos que detectem metais, circuitos internos de vídeo, além de fazer manutenções periódicas dos pontos mais vulneráveis aos bandidos.



A falta de segurança nas agências já virou rotina. E as vítimas são os clientes e os bancários

forma muito estranha. Do local que eu estava, dava para ver os bandidos e os vigilantes. Apenas um estava preparado para esta ação e conseguiu proibir a ação dos bandidos. Os outros ficaram olhando, sem saber ao certo o que fariam. Eu não confio mais em vigilantes, acho que não são preparados, e podem ser uma bomba ambulante. A culpa é de quem dá a eles autorização para trabalhar”, reclama.

Se de um lado bancários e cidadãos não podem contar com a segurança que supostamente só se registra em casos esporádicos, cabe à sociedade encontrar outro caminho. Para o diretor de Saúde do Sindicato, José Barberino, o fortalecimento dos Comitês Municipais de Segurança, que já é uma realidade em muitos municípios brasileiros, representa uma saída para amenizar o drama vivido após a violência.

A partir da criação de uma central de informações é possível o cidadão registrar o que ocorreu e o serviço público saber do fato com mais agilidade. Para que esta comunicação

aconteça é necessário um investimento em internet de banda larga em vários pontos da cidade e um link ligado ao site da prefeitura para que os agentes possam acessar os registros. “É uma medida preventiva que envolve a comunidade e tem um custo relativamente muito baixo. Tem cidades que bancos fecharam porque não tinham condições mínimas de segurança”, afirmou.

O risco de quem saca no caixa

Além das dependências das agências serem locais de fácil acesso para os bandidos, conforme mostram os números de assaltos, ocorridos nos últimos meses, o autoatendimento também não oferece nenhum tipo de segurança ao cliente. As “saidinhas bancárias” são uma modalidade em alta: o bandido fica de olho, vê o saque no caixa e depois assalta a vítima numa esquina qualquer.

O cliente que faz uso do autoatendimento jamais encon-

tra funcionários ou vigilantes nesses ambientes. Livia Pereira, moradora de Lauro de Freitas, conta que teve que sair com urgência de casa e sacar dinheiro para comprar remédio para sua filha. “Fui porque precisava. Mas não tinha ninguém do banco. A gente fica muito exposta, pois enquanto a gente faz um saque pode ter alguém olhando do lado de fora, esperando a hora para te roubar”.

Recentemente, o Superior Tribunal Justiça entendeu que uma instituição bancária é responsável pela segurança dos clientes quando estes utilizam os terminais de autoatendimento, mesmo após o expediente bancário. De acordo com estudos jurídicos, a responsabilidade civil do banco é referente à função do risco da atividade habitualmente exercida. Portanto, quando os assaltos são ocorridos nos terminais da própria agência, mesmo além do horário bancário, o banco é responsável. No caso dos terminais localizados em vias públicas, caso dos caixas 24 horas, a responsabilidade é do Estado.



Internet é um mundo sem regras

Devido ao cotidiano conturbado, à facilidade e às longas filas nas agências, os serviços bancários disponibilizados na internet se tornam cada vez mais comum no país. De acordo com a Febraban, somente no ano passado, 29,8 milhões de pessoas usaram o internet banking, representando acréscimo de 9,2% em relação ao ano anterior. Em 2006, o número de usuários não passou de 27,3 milhões. O indicador de transações realizadas em 2007 é de 6,9 bilhões, ou seja, 16,9% do total de operações bancárias feitas no Brasil.

Os números são altos e chamam a atenção de criminosos, que utilizam programas sofisticados para copiar senhas, logins e dados cadastrais dos correntistas. O Brasil já ocupa a sexta posição no ranking mundial de ataques de softwares malignos, os "malwares". Ano passado, o número de processos envolvendo crimes na internet superou 17 mil. Em 2002, eram apenas 400.

O Brasil ainda não tem uma legislação específica para os crimes praticados na web. O Senado aprovou um projeto, de autoria de Eduardo Azeredo (PSDB-MG), que favorece os bancos, pois abre brechas para que os provedores de internet tenham que arcar com a indenização de clientes lesados na rede mundial de computadores. Pelo projeto, os bancos não tem nada a ver com isso.

Procuram-se bandidos e bancos fora da lei



Circuito interno não inibe mais a ação dos bandidos

De agosto de 2009 a abril de 2010, a ineficiência na segurança bancária colocou em risco a vida de bancários e cidadãos comuns, em toda a Bahia. Veja os principais locais que foram alvo de bandidos. A absoluta maioria não dispunha de equipamentos exigidos pela lei. :

17/08 - Santa Rita de Cássia, Assalto ao Banco do Brasil; 02/09 - Umburanas, Assalto ao Banco do Brasil e Bradesco; 08/10 - Feira de Santana, Assalto ao Bradesco; 28/10 - Salvador, Roubo ao Caixa Eletrônico da SESAB; 29/10 - Feira de Santana, Roubo ao Caixa Eletrônico da Yasaki; 29/10 - Baixa Grande, Assalto ao Banco do Brasil e SICCOB; 30/10 - Iraquara, Assalto ao Banco do Brasil; 04/11 - Coração de Maria, Arrombamento ao Banco do Brasil; 05/11 - Itaetê, Assalto ao Banco do Brasil; 15/11 - Ribeirão do Largo, Arrombamento Caixas Eletrônicas; 04/12 - Castro Alves, Arrombamento ao Banco do Brasil; 04/12 - Barro Preto, Assalto ao Banco do Brasil; 04/12 - Santa Luz, Assalto ao Banco do Brasil/Lotérica; 05/01/10 - Santa Bárbara, Assalto ao Banco do Brasil; 06/01/10 - Ibicuí, Assalto

ao Banco do Brasil; 07/01/10 - Jaguaquara, Assalto ao Banco do Brasil; 12/01/10 - Água Fria, Arrombamento ao Banco do Brasil; 18/01/10 - Queimadas, Tentativa de Arrombamento ao Banco do Brasil; 19/01/10 - Entre Rios, Tentativa de Arrombamento ao Banco do Brasil; 21/01/10 - Erico Cardoso, Assalto ao Banco Postal Bradesco; 24/01/10 - Ituaçu, Arrombamento ao Banco do Brasil; 27/01/10 - Salvador - CAB, tentativa de Assalto ao Banco do Brasil; 31/01/10 - Baixa Grande, Roubo aos Caixas Eletrônicos do Banco do Brasil; 01/02/10 - Salvador - CAB, Assalto ao Banco do Brasil; 01/02/10 - Mairi, Assalto ao Banco do Brasil; 07/02/10 - Mar Grande, Roubo aos Caixas Eletrônicos do Banco do Brasil; 08/02/10 - Amargosa, Assalto ao Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal; 08/02/10 - Capim Grosso, Assalto ao Banco do Brasil; 12/04/10 - Candeal, Roubo e Explosão na agência do Banco do Brasil; 20/04/10 - Salvador, saidinha bancária na porta do Itaú da avenida Tancredo Neves mata operário; 05/05/2010 - Ibirapitanga, assalto ao Banco do Brasil seguido de sequestro.



Está chegando a hora

O Projeto de Lei nº 6259/05 está prestes a ser aprovado. Hoje, dos 83.000 bancários em bancos públicos, 49.800 não têm os benefícios dos demais. Porém, é preciso lutar para que isto de fato aconteça ainda no governo Lula.

“Esta é uma das páginas que precisamos virar na história recente do Brasil, a dos ataques aos direitos dos trabalhadores de estatais praticadas pelos governos de FHC. E nada mais emblemático que vencer esta etapa no último ano do governo Lula”, afirma entusiasmado o deputado federal baiano Daniel Almeida, um dos autores do projeto, com a proximidade da aprovação de lei que reflete anos de luta dos bancários a favor da isonomia.

O Projeto de Lei nº 6259/05 que devolve os direitos aos trabalhadores que ingressaram em instituições financeiras públicas após 1998 tramita na Câmara dos Deputados. O outro autor é o deputado federal Inácio Arruda (PCdoB/CE). O projeto restabelece a autonomia entre os funcionários de cinco instituições do ramo financeiro: Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, do Banco do Nordeste, do Banco da Amazônia e da Casa da Moeda.

A finalidade agora é pressionar os deputados para que o Projeto de Lei nº 6259/05 seja aprovado. Daniel Almeida revela que o presidente da República já mostrou seu compromisso com os trabalhadores ao mudar diversas questões que foram impostas pelo governo PSDB/DEM nas estatais: “Além disso, vamos entrar em um novo ciclo político, quando novos desafios serão colocados aos bancários”.

No último dia 10 de março, a votação do

Projeto de Lei sobre isonomia entre os novos e os antigos funcionários dos bancos públicos foi adiada na Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público da Câmara dos Deputados. Para que seja aprovado é preciso que tramite também nas comissões de Finanças e Tributação e de Constituição e Justiça e depois siga para o plenário.

“Por causa do ano eleitoral, intensificamos nossas atividades para que os parlamentares decidam a favor da isonomia. Sabemos que falta coragem para as diretorias dos bancos públicos deixarem para trás a herança de FHC. Precisamos lutar pela licença prêmio que dá o direito ao trabalhador 18 dias ao ano para usufruir ou vender, e o anuênio que é um adicional de 1% no salário a cada ano trabalhado”, explica Augustos Vasconcelos, integrante da Comissão Executiva dos Empregados da Caixa.

Para Emanuel Souza, presidente da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe (FEEB-BA/SE), o anuênio e a licença prêmio não são só uma questão salarial. “Nós defendemos o fortalecimento dos bancos públicos. Essas instituições financeiras não podem ser tratadas como se fossem um banco privado. Por causa disso, o concursado, hoje, passa no máximo dois anos e parte para outro concurso, criando uma grande rotatividade. Isso não é bom para instituições, nem para a sociedade”.



Início de 2010: a diretoria do SBBA à frente da campanha pela isonomia

Criaram duas categorias de bancários

Com o PL 6259/2005 foi aberto um amplo espaço de discussões sobre isonomia. Daniel Almeida analisa que “a diferenciação de direitos foi um duro golpe praticado por aquele governo na carreira dos bancários de estatais”. Essa discriminação aos empregados das empresas públicas atendeu o mesmo princípio dos ataques aos servidores públicos, “que era implementar o estado mínimo, reservando recursos para o superávit primário e o pagamento de juros e dívida pública”.

Daniel conclui que “também foi uma forma de dividir a categoria, criando duas categorias de bancários. Ao longo desse tempo, os bancos foram perdendo bons quadros técnicos, que

preferiram abraçar outras carreiras na iniciativa privada ou outros setores do serviço público”.

A ofensiva neoliberal na década de 90 levou a categoria a duras derrotas. Era a implantação da política do Estado Mínimo, desarticulando setores estratégicos para a sociedade, incentivando, cada vez mais, as privatizações que trouxeram sérias mudanças culturais dentro das instituições públicas federais.

As resoluções de nº 9 do Departamento de Coordenação da Empresas Estatais Federais-DEST e de nº 10 do Conselho de Coordenação e Controle de Estatais (CCE/DEST) fizeram com que os trabalhadores que ingressaram no Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal, no BNB e na Casa da Moeda perdessem uma série de direitos

em relação aos antigos funcionários e instituíram “legalmente” essa distinção entre o corpo funcional

Unidade na luta leva a conquistas

A luta pela isonomia teve início em 2003 quando várias entidades sindicais encaminharam às autoridades vários abaixo-assinados. Dois anos depois, os deputados federais Daniel Almeida e Inácio Arruda apresentaram o Projeto de Lei 6.259 que permitiu maior visibilidade do assunto no Congresso.

Logo após, a 9ª Conferência Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro conseguiu reunir vários trabalhadores dessas instituições públicas para discutir sobre o tema. Os pré e pós funcionários de 1998

Daniel Almeida

O criador das leis a favor do trabalhador

Com a experiência de 24 anos de militância no PCdoB, desde 2003 é autor de projetos de lei importantes tanto para quem é cliente, como também para o bancário. Ao todo, foram 13 ações importantes elaboradas por esse baiano.

Na defesa do cidadão, conseguiu alterar a Lei 7102/83 que não dispunha do item portas de seguranças nas agências bancárias. Assim, surgiram as portas giratórias com detectores de metais que coíbem com maior facilidade o acesso de assaltantes dentro das agências bancárias. E foi o autor também da lei dos 15 minutos nas filas dos bancos e da proposta de ampliação do horário de atendimento bancário para 8 horas diárias, gerando mais empregos para a categoria.

Em 2005, junto com o então deputado Inácio Arruda, apresentou projeto de reintegração no emprego dos funcionários da Caixa Econômica Federal, demitidos entre 1995 a 2003 e, na sequência o Projeto de Lei 6259/05.

Daniel Almeida propôs o projeto de lei que estabelece o reajuste dos valores do salário mínimo pela variação do Produto Interno Bruto (PIB) ou pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) acumulado, acrescido do índice de produtividade média do trabalho total.

Outra iniciativa é o projeto de lei que altera os dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho, da Lei nº 605/1949 e da Lei 7369/1985 que reduz para 40 horas a jornada semanal de trabalho.



Bancários admitidos em bancos públicos após 1998 querem igualdade salarial e de benefícios

têm salários que são diferentes, contudo, desempenham a mesma função, possuem as mesmas responsabilidades, são submetidos a bater metas abusivas de venda de produtos e contribuem da mesma forma para o lucro desses bancos públicos.

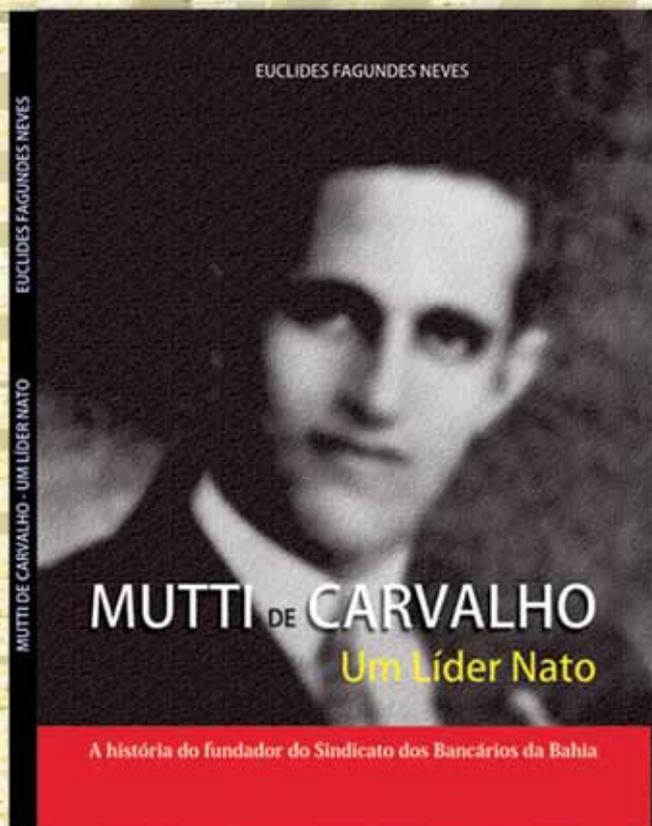
As reivindicações organizadas pelo Sindicato dos Bancários da Bahia resultaram em algumas vitórias importantes para a categoria como por exemplo quando os bancários do BB ganharam ação que determina que a instituição financeira pague o anuênio aos empregados. Valorizou-se mais uma vez o piso com um novo Plano de Cargos e Salário (PCS), unificando as carreiras de técnicos bancários e escriturários e ampliando o teto salarial. Houve também a recuperação da cesta-alimentação, garantias com relação à Ausência Permi-

da para Trato de Assuntos Particulares (APIPs) por 5 dias para os novos empregados. E mais: retorno do auxílio-alimentação, criação do novo Plano da Funcef com eleição de 50% da diretoria e dos conselhos, ampliação do reembolso de adiantamento de férias em 10 parcelas, e manutenção do Saúde Caixa aos aposentados pelo INSS.

Para fortalecer e ampliar a conscientização, o movimento sindical fez manifestações em diversas agências, como na Caixa Econômica Federal de Salvador no início de 2010. Durante as visitas nas agências, os diretores do Sindicato chamaram a atenção dos bancários para necessidade de intensificação da luta pelo resgate de conquistas retiradas durante o governo Fernando Henrique.

Publicações que contam a história do Sindicato dos Bancários da Bahia

A história do fundador do Sindicato dos Bancários da Bahia pode ser lida no livro Mutti de Carvalho, um líder nato, de autoria do presidente da entidade, Euclides Fagundes Neves.



Já no livro Bancos, Bancários e movimento sindical, o presidente do SBBA passeia de forma leve e com muita informação pela história de luta da categoria por melhores condições de trabalho e de vida.

Direitos iguais já!

Até 2020, a mulher será maioria na mão-de-obra do país. Hoje, são 42,4% e, ainda assim, os bancos pagam salários menores do que aos homens, assediam moralmente, menosprezam competências femininas. Negam a discriminação. Mas a realidade é outra. Quem é bancária sabe disso.

Na Bahia, mais de 47% dos 16.600 bancários são mulheres. A maioria tem entre 20 e 35 anos e ganha, em média, R\$ 2.500,00 por mês. Na onda de demissões, o percentual de mulheres é maior. Pesquisa de 2009 divulgada pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) revela que recebem 24,09% a menos que os homens. Enquanto o salário deles chega a R\$ 2.022,56, o delas não passa de R\$ 1.535,34. Dados da RAIS 2008 indicam que 5,77% dos bancários ganham mais de 20 salários mínimos. Entre as bancárias o índice chega a apenas 1,92%. O grau de escolaridade das mulheres é um dos principais fatores para o aumento de participação no mercado. Em geral, elas dedicam mais tempo ao estudo do que os homens. No entanto, embora ocupe mais espaço, o poder feminino ainda é pouco representativo em cargos de chefia", afirma a diretora para Assuntos de Gênero do SBBA, Nole Fraga

A criação, em 1990, do Departamento para Assuntos de Mulheres do SBBA disseminou a consciência de que era preciso lutar para ganhar espaços e respeito, foi uma das primeiras conquistas da luta sindical, com a ampliação da participação da mulher nos destinos da cidade, do estado e do país, e no combate as práticas do assédio moral e sexual.

Em julho do ano passado, a Câmara dos Deputados aprovou alterações na Lei Eleitoral 9.504/97 que favorecem a candidatura da mulher. A história pode começar a mudar neste ano, quando uma mulher tem chances de chegar à presidência da República. "Formada nas lutas pela igualdade, contra a ditadura e pelos direitos civis da população, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, demonstra qualificação e capacidade





de substituir o presidente Lula e sua histórica participação na virada e avanço do país”, afirma o presidente do Sindicato, Euclides Neves.

Sindicato é pioneiro em defesa da mulher

O Sindicato dos Bancários da Bahia é apontado como referência nacional quando se fala em resultados em defesa dos direitos da mulher. Foi o primeiro a lançar campanha de Combate e Prevenção ao Assédio Sexual, produziu cartilhas que serviram de base para outros sindicatos de bancários no Brasil. Também colaborou com conquistas do auxílio-creche, do auxílio-babá e da licença paternidade.

As reivindicações das mulheres, discutidas no Encontro Estadual da Mulher Bancária e levadas para os encontros nacionais, resultaram também em ações importantes como a inclusão na Convenção Coletiva da categoria, em 2002, da criação, pela primeira vez, de uma mesa temática específica para debater a igualdade de oportunidades.

Para a diretora do Sindicato dos Bancários, Patricia Ramos, o seminário serviu para a categoria entenderem “a importância da mulher”. Em 1990, durante as eleições para uma nova gestão do Sindicato, houve a oportunidade de se criar uma diretoria específico. “Eu arrisco dizer que fomos percursores desse assunto. Ganhamos a eleição e iniciamos um trabalho que serve de base até hoje para nossa categoria”.

O projeto contou com a avaliação da socióloga Mary Castro, que realizou uma pesquisa sobre as bancárias e suas vivências, dentro e fora da luta sindical, e foi possível graças à ajuda, então, da nova diretora de Assuntos para Mulheres do Sindicato dos Bancários, Rebeca Serravalle e de Patricia Ramos, que também atuava na equipe: “Com base nesses dados, conseguimos descobrir o perfil da bancária dos anos 90 e atender com mais eficiência a necessidade da mulher que trabalha no sistema bancário”, relembra.

Energia unida jamais será vencida

Vale lembrar que no início da década de 90 a nova gestão do Sindicato dos Bancários da Bahia começa a assimilar rapidamente as inquietações pontuadas pela sociedade civil. Uma delas, a discriminação da mulher no sistema bancário. Os banqueiros não queriam atender a lei que garantia creche no local de trabalho. Como paliativo, surgiu o auxílio-creche, concedido após a licença maternidade.



Patricia Ramos: manifestação por melhores salários na década de 90

Não satisfeitos com isso, os banqueiros começaram a questionar a licença maternidade, sendo que alguns bancos oficiais chegaram, na época, a não cumprir com a lei federal, deixando algumas bancárias sem a licença de 120 dias após o nascimento de filhos. O Sindicato não deixou por menos e denunciou o abuso, solicitando da então Ministra do Trabalho, Dorothea Werneck, que os casos fossem analisados e que a lei fosse cumprida. A repercussão do assunto chamou a atenção da União Brasileira de Mulheres (UBM) que lançou uma campanha nacional pelos direitos das trabalhadoras com o tema Ser mãe não é crime. Trabalho: direito da Mulher”.

“ Foi essa energia que nos

motivou no SBBA. Nós criamos um boletim Mulher em Movimento que hoje virou um jornal. A gente denunciava as agressões, as dificuldades que as bancárias sofriam. Eu mesma fui manchete de um desses boletins por conta de uma represália que sofri. Eu enfrentei polícia, fui coagida e constrangida na frente de colegas. Mas o importante é que eu passei uma mensagem, que foi ganhando corpo dentro da categoria” , lembra Patricia.

O sonho da carreira está acabando

A bancária hoje não tem mais o mesmo interesse pela profissão de anos atrás. A diretora do Sindicato, Patricia Ramos, relata que antigamente era normal uma mulher entrar no banco como atendente e seguir carreira até tornar-se gerente.



Mesmo diante das inúmeras crises financeiras ocorridas na década de 90, a profissão bancária parecia ser uma das mais estáveis. Hoje, porém, ela observa que muitas acreditam que “essa profissão é temporária e planejar o futuro dentro de uma instituição bancária já não é tão atraente”.

Há quatro anos como bancária na Caixa Econômica Federal,

Nole Fraga na porta do Baneb: pioneirismo em defesa dos trabalhadores



Poucas mulheres ocupam cargos de diretoria

Bárbara Müller se diz feliz na função de Caixa e acha natural um trabalhador querer melhorar profissionalmente e tentar outras atividades. Contudo, aponta que, hoje, o que mais incomoda é a falta de mão de obra. “A demanda é muito grande. Todos os dias eu trabalho duas horas a mais porque não tem empregados suficiente para atender o público. Isso desgata a gente”, revela.

Para a diretora de Assuntos de Gênero do SSBA, a sindicalização pode ser uma solução. É o sindicato que garante a melhora no mercado de trabalho, aproximando o empregado da satisfação profissional. “Quando realizamos em 1988 o primeiro encontro de mulheres já chamávamos as bancárias para essa participação mais efetiva”. O próprio slogan dessa campanha se destacava ‘Lugar de Mulher é no Sindicato’, indicando objetivo da ala feminina dentro do movimento sindical. “Conseguimos chegar até aqui, mas queremos conquistar muito mais”, reflete Nole Fraga.

Depoimento de quem fez carreira em banco

“Hoje não há interesse em aperfeiçoar o profissional”

Kátia Gomes se formou em ciências contábeis e na década de 80 a perspectiva de arrumar um emprego na área era difícil. Decidiu fazer um teste num banco e foi selecionada. Há 26 anos como bancária, Kátia presenciou várias mudanças. Uma delas foi a falta de investimento no profissional por parte das instituições.

“Para você ir para a agência, havia uma preparação. Você ficava uma semana entendendo o que era e depois partia para a prática. Tínhamos cursos e palestras para nos informar sobre todos os produtos. Chegávamos a viajar para outras capitais, como São Paulo, para sermos treinados. Hoje, contratam as pessoas e mandam para as agências sem conhecimento algum. Não há interesse em aperfeiçoar o profissional.

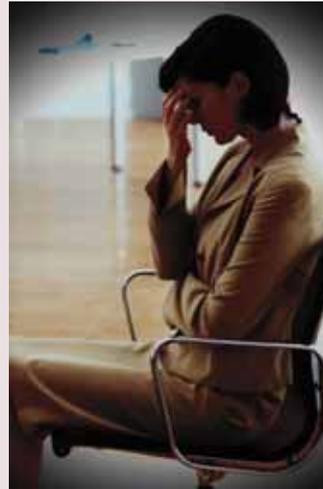
Ela ainda afirma que hoje a filosofia dos bancos não é trabalhar para o cliente e sim vender os produtos. Não existe mais um trabalho de relacionamento no qual o cliente era avaliado para saber o que ele precisava. O importante é

bater a meta estipulada para a semana. Outro dia, vi que um cliente tinha perfil de investidor mas foi induzido a fazer um empréstimo por conta da tal meta. Um absurdo. Por tudo isso é que não há mais a tão sonhada carreira dentro do banco, completa.

Quanto à importância do

Sindicato na vida de um bancário, Katia acredita ser fundamental. Graças às intervenções do Sindicato que ela não foi demitida. Muitas colegas questionam o porquê pagar uma taxa, etc. Mas quando acontece o que aconteceu comigo, a gente

valoriza o sindicato. Fiz um exame que acusou que eu estava com LER (Lesão por Esforço Repetitivo). Deixei engavetado, porque naquele momento avalei que o banco precisava do meu serviço. Fui surpreendida com uma demissão. Recorri ao Sindicato e hoje estou afastada das funções para concluir meu tratamento”.





Licença de seis meses

Na última campanha salarial, uma importante conquista, a ampliação da licença-maternidade de quatro para seis meses. Agora é lei e os bancos devem atender à solicitação das gestantes e ampliar a licença-maternidade de quatro para seis meses. A garantia está no Decreto nº 7.052 que regulamenta a Lei nº 11.770, criando o Programa Empresa Cidadã.

Os bancos que aderirem ao Programa podem deduzir do imposto devido o total da remuneração da empregada durante o período de prorrogação da licença-maternidade em 60 dias.

As bancárias que adotarem crianças também são contempladas, estabelecendo o prazo de 60 dias para bebê de até um ano, 30 dias para entre um ano e quatro anos completos e por 15 dias quando se tratar de criança de quatro a oito anos de idade.

Para ter direito à prorrogação, a gestante deve enviar carta ao banco até o final do primeiro mês após o parto e em até 30 dias após o início da adoção ou de sentença judicial.



Igualdade é meta imediata

Em dezembro passado, a ministra Nilcéa Freire, da Secretaria de Políticas para as Mulheres, entregou a parlamentares a proposta de anteprojeto de Lei de Igualdade no Trabalho, que cria mecanismos para garantir a igualdade entre mulheres e homens nas relações de trabalho nos meios urbano e rural e coibir práticas discriminatórias.

De acordo com a Ministra, é urgente que se criem mecanismos para diminuir a discriminação e as diferenças entre mulheres e homens no mundo do trabalho. Ela citou os números da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, PNAD 2008, e mostra que as mulheres recebem salários inferiores aos homens, mesmo quando ocupam funções idênticas.

Nilcéa Freire lembrou que as mulheres já são chefes de 37% dos lares brasileiros, mas que acumulam muitas tarefas. "Além do trabalho, a mulher é colocada geralmente como única responsável pelos cuidados com os filhos, com a casa, com os idosos. Trazemos essa proposta que esperamos seja incorporada às demais iniciativas que já tramitam na Casa com o mesmo objetivo".

Alice foi a primeira na cena bancária

Há muitos anos a mulher faz parte da vida sindical do nosso país. Os registros do Sindicato dos Bancários da Bahia tem documentos que a presença feminina já existia. Em 1959, uma circular interna descreve a inauguração de uma Ala Feminina da Associação dos Empregados



Bancárias unidas por melhor qualidade de vida

do Banco Econômico (ASDBE). Tal feito seria estratégico para recrutar as mulheres para o Sindicato, ou como os homens preferiram escrever “congregar as colegas em torno do órgão de classe”. Também há registro nesse mesmo ano que aponta que havia incentivo em ter as mulheres num espaço autônomo, mas ainda não na diretoria.

Saber quem foi a primeira mulher bancária na Bahia, também é algo que só se tem ideia, mas nada comprova a veracidade. De acordo com a catalogação de documentos dos Sindicatos dos Bancários, existe uma hipótese que Dona Bem Vida Moitinho foi a primeira bancária, funcionária da Caixa Econômica da Bahia (ex-Banco Econômico). O documento em questão é uma licença médica datada de 27 de dezembro de 1959.

Suponhe-se que a pioneira

na cena político sindical tenha sido Alice Bottas. Os arquivos organizados pelo pesquisador Ruy Aguiar Dias entre 1933 e 1955 não tinham muitos registros da presença feminina no Sindicato dos Bancários da Bahia. Contudo, um levantamento mais preciso chegou à ficha de Alice Bottas, aceita na sessão da fundação da entidade, em 4 de fevereiro de 1933. Ela fez parte não só da fundação do Sindicato, como também do Conselho Fiscal.

Em 1934, uma matéria publicada no jornal A Tarde mostra a mesma Alice ao lado de José Mutti de Carvalho, primeiro presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia. Eles foram à sede do vespertino, explicar a greve que se deflagrou naquele ano. Sobre a atuação efetiva de Alice na política sindical pouco se sabe, porém muito se imagina.

Denuncie a violência

As iniciativas realizadas pelo movimento sindical e as políticas implantadas pelo governo federal para combater à violência têm tido bons resultados. Dados da Secretaria Especial de Políticas Para Mulheres (SPM) mostram que as mulheres estão denunciando mais. Entre 2006 e 2009, o número de atendimentos do Ligue 180 “Central de Atendimento à Mulher” aumentou 1.704%.

De janeiro de 2007 a outubro do ano passado, 37% dos atendimentos foram sobre a Lei Maria da Penha, que entrou em vigor em setembro de 2006. Ainda de acordo com o estudo, uma em cada três mulheres já sofreu algum tipo de violência.

Nestes anos, já houve 86.960 relatos de violência - 74% relacionados à violência doméstica e familiar. Ainda foram registradas denúncias de cárcere privado e tráfico de mulheres. Recentemente, em Salvador, três mulheres foram brutalmente assassinadas pelos companheiros em apenas 16 horas. O combate à violência deve ser prioridade em todos os ramos da sociedade.





em defesa do sindicalismo autônomo



Federação Sindical Mundial

A CTB constrói o novo sindicalismo brasileiro e já é a maior central sindical da Bahia, mais de 300 filiados, entre eles os bancários, comerciários, médicos, metalúrgicos, trabalhadores rurais e professores(APLB). É a terceira do país e a que mais cresce no Brasil.

A Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil(CTB) comemora quase três anos em 2010. Mesmo num curto espaço de tempo, suas ações indicam que a mais nova entidade sindical do país está no caminho certo. A luta pela ratificação da Convenção 158 da OIT, que proíbe a demissão imotivada, e a Convenção 151 da OIT, que reconhece o direito de negociação coletiva no serviço público, além da redução da jornada sem redução de salário são conquistas que a Central não abre mão a curto e breve prazos. “Nossas conquistas não abrem mão de nossos princípios”, afirma Adilson Araújo, presidente da CTB, um dos três bancários baianos na direção nacional da entidade- os outros dois são Everaldo Augusto e Eduardo Navarro.

O presidente dessa entidade não tem dúvida de que o caminho escolhido pela Central revela-se correto e positivo: “A mudança de curso naquele momento em 2007, quando ainda não existíamos oficialmente como entidade, é uma prova do quanto foi importante sair da apatia e impulsionar

uma agenda positiva com lutas voltadas para a preservação dos direitos e manutenção das conquistas trabalhistas”.

Outro aspecto importante de uma avaliação da atuação da CTB “é reconhecer que a Central ao se contrapor à conciliação de classe e ao sindicalismo de resultado, demonstra o quanto é imperativo a defesa de um tipo de sindicalismo autônomo, independente e de resistência”.

Esta postura teria a ver com os novos rumos do sindicalismo no País? Ele diz que sim: “O sindicalismo vive um momento histórico no Brasil, ainda que persistam alguns problemas. Hoje existe uma mudança de comportamento e postura dos dirigentes”. Quanto ao setor bancário, Adilson Araújo adianta que ele tem uma história de tradição de luta e de vitórias: “No trilho da batalha política de 2010 devemos fortalecer a unidade e a mobilização, intensificando a luta pelo resgate de importantes conquistas retiradas por FHC, como a Isonomia”, diz.

Lula abriu diálogo com trabalhador

A CTB está mais fortalecida? O líder sindical reconhece que ela é a maior e mais representativa central sindical em atividade no Estado: “Aqui desenvolvemos lutas importantes na defesa da educação, saúde e do funcionalismo público, com a realização de greves históricas”. Ele cita uma série de atividades da Federação Sindical Mundial (FSM); Dia Internacional da Mulher; o 2º Encontro Estadual da CTB- Bahia, impulsionado pela unidade dos trabalhadores, do campo e urbanos. Enumera ainda: “No Congresso da Contag, que desfilou a entidade da CUT, atuamos de forma decisiva abrindo nova perspectiva para a luta sindical no campo. Participamos do Grito da Terra Bahia e

frisa: “Sem abrir mão, contudo, da nossa autonomia e independência, queremos reafirmar as bandeiras de luta na defesa de novos projetos de desenvolvimento para a Bahia e o Brasil. Os apoios aos governos não são impeditivos para a intensidade das nossas ações, principalmente na disputa de nossas propostas perante a sociedade”. Sobre o desligamento da CUT e a consequente criação da CTB-Nacional, Adilson lembra que “a política defendida pela CUT a conduziu ao esvaziamento, à perda de referência e identidade entre os trabalhadores”. Diz que o aparecimento da Central foi uma resposta a um período de apatia e postura acrítica defendida por uma tendência hegemônica do grupo majoritário da CUT.

Quanto à construção de uma plataforma comum com as centrais sindicais, respeitando as diferenças de opiniões, o presidente da CTB-BA admite que ajuda “o olhar mais criterioso” em defesa de objetivos estratégicos: “Com esse intuito, aprovamos a realização de uma nova Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat) ainda este ano, que servirá para fazermos um balanço do ciclo mudancista, iniciado pelo presidente Lula em 2002”.

Dilma vai continuar negociações

O líder sindical defende que no governo petista “o movimento sindical acumulou conquistas, o Estado foi fortalecido alcançando maior ritmo de desenvolvimento, a distribuição de renda e o progresso social avançaram com a valorização do salário



Tudo começou aqui

Uma curiosidade é que a Bahia foi sede do histórico encontro da CSC, em setembro de 2007, que definiu o seu desligamento da CUT e a posterior fundação da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil.

mínimo e políticas sociais como o Bolsa Família”. Mas nem por isso deixa de considerar que “temos grandes desafios pela frente, principalmente no enfrentamento ao conservadorismo da política econômica”. Ressalta, também, que as mudanças ensinam que a valorização da classe trabalhadora, através de uma redistribuição da renda a favor dos despossuídos e aumento real do salário mínimo e do nível de emprego, fortalece o mercado interno e estimula a expansão da economia.

Por fim, aposta na continuidade do atual projeto político o com Dilma Rousseff: “Vai ser fundamental a manutenção do diálogo com o movimento sindical, assumindo compromissos com um projeto de desenvolvimento que valorize o trabalho e os trabalhadores, que defenda o Pré-Sal, a universalização dos serviços públicos, a aprovação da Convenção 158 da OIT, além da soberania e a integração da América Latina”.



Adilson Araújo

Brasil; realizamos o 2º Encontro Internacional Sindical Nossa América; a 6ª Marcha da Classe Trabalhadora e levantamos como bandeira da Central a redução da jornada de trabalho, a aprovação do PL 01/07 que efetiva a valorização do salário mínimo, entre outras ações”.

O novo estágio político do país e do estado, devido às gestões do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do governador Jaques Wagner, no entender de Adilson Araújo, abre ainda mais espaço para o diálogo. Mas



Em busca da melhoria de vida do trabalhador

A Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil - CTB foi criada em dezembro de 2007, logo após o encontro histórico realizado em Salvador, promovido pela CSC (Corrente Sindical Classista), em setembro de 2007, que definiu o desligamento da CUT e a criação da CTB, como a mais nova entre as seis centrais sindicais que atuavam no Brasil na época.

E já nasceu com alguns objetivos definidos para o Brasil: a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem redução do benefício; salário mínimo nos parâmetros do Dieese, são premissas básicas. Em um espectro mais amplo, está a garantia de um projeto de país com desenvolvimento e distribuição de renda, que diminua as desigualdades sociais. Como afirma o presidente da CTB da Bahia: "Precisamos lutar por um projeto de Nação que este país nunca teve em 120 anos de República presidencialista".

O ato de lançamento nacional da CTB foi na Câmara dos Deputados, em Brasília. Um dos líderes da nova entidade, o bancário baiano Adilson Araújo,

lembra que ela nascia tendo como principal motivação "a valorização do trabalhador e a independência em relação a governos e o patronato". Em 2009 e 2010 grandes atividades agitaram a Central, que participou das grandes mobilizações em defesa da redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem diminuição de salário; fim do fator previdenciário e ratificação das Convenções 151 e 158 da OIT (Organização Internacional do Trabalho). Todas, inclusive, plataformas permanentes do movimento sindical.

Luta pelos direitos de todos nós

A entidade prioriza a "atuação sindical firme, com posições políticas que defendem a luta dos trabalhadores brasileiros por uma vida mais digna, compromisso com melhores salários e direitos respeitados", diz o presidente nacional da CTB, Wagner Gomes.

O presidente avalia que a existência de quase três anos da entidade representa uma

vitória da política classista adotada: "Temos que continuar a crescer e a lutar pela melhoria dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil", prega. Destaca ainda o trabalho de construção da Central, cuja fundação teve a participação decisiva da Corrente Sindical Classista (CSC) e apoio do Sindicalismo Socialista Brasileiro (SSB) e dos trabalhadores rurais, que antes haviam deixado a CUT-Central Única dos Trabalhadores. Wagner Gomes considera que "o trabalho e compromisso da CTB a transformaram na terceira maior do país. Com quase três anos de fundação e uma ideologia classista plural e democrática, a Central ganha força a cada ano e já atinge 7,55% de representatividade". A CUT (Central Única dos Trabalhadores) permanece com 38,23%, em seguida a Força Sindical com 13,71%, a UGT (União Geral dos Trabalhadores) com 7,19%, a NSCT (Nova Central Sindical dos Trabalhadores) tem 6,69% e a CGTB (Central Geral dos Trabalhadores do Brasil) aparece com 5,04% - dados de 2009.

Compromissos de conquistas

1 Redução da jornada de trabalho para 40 horas

A redução da jornada de trabalho está no centro do debate sobre a geração de emprego e qualidade de vida. Com a redução haverá a geração de 2,5 milhões de empregos (Dieese) e se contrapõe à posição conservadora que impõe a desregulação do trabalho, garantindo a inclusão social como questão central.



Wagner Gomes

2 Ratificação da Convenção 151 da OIT

A negociação envolve o serviço público. Passo importante foi dado pela Câmara Federal ao aprovar a Convenção 151 em 1º de outubro de 2009. O Projeto de Decreto Legislativo n. 795/2008, que ratifica o texto da Convenção 151, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da Recomendação 159, ambas de 1978.

A Convenção 151 da OIT é uma bandeira de luta das entidades sindicais representantes de servidores públicos, pois estende aos trabalhadores do serviço público as mesmas garantias e condições de associação e de liberdade sindicais já asseguradas para os trabalhadores da iniciativa privada.

3 Ratificação da Convenção 158 da OIT

É contra a demissão imotivada. Proteger e incluir no mercado de trabalho os trabalhadores (as) é uma das tarefas imprescindíveis para um Brasil que se quer mais justo, moderno e democrático. É responsabilidade do Estado, como regulador e empregador, como indutor do desenvolvimento com distribuição de renda. Por isso, é cada vez mais urgente constituir mecanismos legais que garantam a proteção dos trabalhadores, especialmente contra a demissão imotivada, com a aprovação da Ratificação da Convenção 158 da OIT.





Década de 60, avenida Sete de Setembro: bancários já reivindicam melhores salários

Uma bela história de resistência e vitórias

.....

Em 77 anos de lutas, o Sindicato dos Bancários da Bahia construiu uma história marcada por grandes mobilizações, superação de desafios e participação, na linha de frente, dos momentos mais importantes da história do nosso país. Desde a primeira greve nacional, em 1934, até as últimas conquistas como a recomposição do movimento sindical e a criação da CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), a entidade pratica um sindicalismo independente, combativo e pautado nos interesses da categoria e dos trabalhadores em geral.

Fundado em quatro de fevereiro de 1933, por José Mutti de Carvalho, o Sindicato dos Bancários da Bahia contava inicialmente com 24 diretores, que juntos lutavam por melhores salários e melhores condições de vida. Um ano depois da fundação, já participou da primeira greve nacional da categoria, obtendo as primeiras vitórias. A grande manifestação de 1934 garantiu a regulamentação do Instituto dos Aposentados e Pensionistas dos Bancários (IAPB), jornada de seis horas para um segmento da categoria e estabilidade no emprego.

Um ano depois, em 1935, o Sindicato está novamente na linha de frente da luta dos trabalhadores, quando a Bahia lidera a campanha nacional pelo salário mínimo profissional, meta que se concretiza em 1962, com mais uma greve nacional.

O estilo combativo dos bancários baianos começa a forjar uma tradição de luta, que se fortalece no Estado Novo de Getúlio Vargas. Nesse período, em 1946, o Sindicato participou da segunda greve nacional da categoria. O movimento, que durou 19 dias, mobilizou milhares de bancários e levou Getúlio a fazer intervenções em diversos sindicatos.

A categoria resistiu ao golpe e, novamente, em 1951, os bancários cruzaram os braços por 69 dias, contra a lei que proibia paralisações de trabalhadores. A pressão surtiu efeito, o movimento foi vitorioso e a categoria bancária conquistou o direito de greve.

Veio a ditadura de 64, com o golpe militar no dia 31 março e as tropas de Minas Gerais e São Paulo ganhando as ruas. Para evitar uma guerra civil, João Goulart deixa o país, refugiando-se no Uruguai. Nada menos que 24 horas depois, em 1º de abril, o Sindicato dos Bancários da Bahia teve as suas instalações invadidas e destruídas pelo Exército. O então presidente do Sindicato, Raimundo Reis, foi cassado, preso e torturado. Várias conquistas foram anuladas, como a data-base da categoria, transferida de 1º de setembro para sete de fevereiro.

Ainda em 64, foi realizada uma grande greve que reivindicava a manutenção dos direitos conquistados durante décadas, como a estabilidade e o IAPB. Há registros de bancários que foram perseguidos, torturados e mortos.



O Sindicato esteve na linha de frente das grandes campanhas nacionais, como na luta contra a privatização do Banco do Brasil e o movimento Fora Collor. Na Bahia, os bancários lutaram contra a venda do Baneb e pela garantia dos empregos, no momento da falência do Banco Econômico, o mais antigo banco privado brasileiro, com 161 anos de existência

A retomada e os avanços dos bancários

A retomada da luta aconteceu em 1973, quando a oposição à diretoria, atrelada à ditadura, se organizou e, em 1975, lançou nas eleições do Sindicato, a Chapa Verde, que foi cassada pela Delegacia Regional do Trabalho. Um ano depois, a oposição lançou o manifesto “nem outubro, nem novembro, data-base é setembro”, iniciando uma luta vitoriosa, que durou três anos, mas fez a data-base retornar a setembro e ainda conquistou o pagamento do anuênio.

Em 1981, a oposição bancária venceu as eleições e deu início a uma virada espetacular no Sindicato e na vida dos bancá-

rios da Bahia. Um novo modo de fazer política sindical foi inaugurado, não só para a Bahia, mas para o Brasil. O Sindicato baiano tornou-se exemplo de entidade classista, democrática e comprometida com os interesses da categoria e se destacou, em 1985, no movimento nacional que paralisou cerca de 700 mil bancários em todo o país por dois dias, paralisando o sistema financeiro nacional. Foi a primeira greve feita pelo sindicato pós ditadura militar.

Álvaro Gomes foi eleito presidente do Sindicato em 1987. O debate passou a ser mais valorizado e o novo dirigente deu início à prática de um sindicalismo classista ofensivo e de resistência ao patronato. As atividades culturais, esportivas e de cunho social tornaram-se



rotina. Em 1988, o Sindicato entra no Carnaval de Salvador com o Bloco Pré-datado, com os bancários demonstrando nas ruas a insatisfação com a situação do país, empunhando faixas e bandeiras com Fora Sarney, Diretas Já e reivindicando que a população elegeesse o presidente da República. Durante o impeachment de Collor, o Sindicato foi uma das mais ativas entidades brasileiras na campanha que derrubou o então presidente em 1992.

Everaldo Augusto, bancário do antigo Baneb, iniciou suas atividades sindicais nos movimentos de oposição da década de 80 e atualmente é um dos integrantes da Secretaria Extraordinária para Assuntos da Copa do Mundo (Secopa Bahia) e suplente de vereador na Câmara Municipal de

Salvador. Ocupou a presidência do Sindicato nos períodos de 1996 a 1999, até que foi eleito para dirigir a Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe até 2002.

Euclides Fagundes Neves, ativista que ajudou a reorganizar o movimento sindical de oposição, a partir de 1976, assumiu a presidência, no lugar de Álvaro Gomes, em 2002. Logo no início do seu mandato liderou os bancários na greve de 2004, que durou 30 dias, atingiu todas as capitais e diversas cidades do país, sendo a maior greve nacional da história. Foi uma vitória inesquecível contra as intransigências dos patrões. Mesmo com a repressão violenta da PM, os bancários baianos resistiram e mantiveram a unidade. O movimento garantiu reajuste salarial acima da inflação acumulada no período.







A liberdade passo a passo

A retomada da luta nas ruas começa para valer depois de 1981, quando a oposição bancária venceu as eleições e deu início a uma virada espetacular no Sindicato e na vida dos bancários da Bahia. A primeira saída em passeata, na Rua Chile, foi o início da presença firme e decisiva dos bancários nos movimentos sociais que marcaram um tempo, desde sempre abençoado pelo Senhor do Bonfim. O tempo que conduziu Luíz Inácio da Silva à Presidência da República, os caminhos que levaram um operário de esquerda ao poder. Nas ruas e nas assembleias o brado de combate à ditadura e à exploração dos bancários, o lucro na mira dos banqueiros e a grita de liberdade ecoando pelas ruas da cidade de Salvador da Bahia.





A Colônia de férias é sua. Aproveite

Os bancários sindicalizados que desejam passar os dias de verão ou as festas de final de ano na colônia de férias devem entrar em contato com o Sindicato. A colônia possui uma super estrutura com área verde, duas piscinas, quadra de esporte, salão de jogos, campo de futebol e um bar. O horário de funcionamento é das 8h às 17h.

No local, o bancário pode acampar e aproveitar toda a infraestrutura oferecida com total segurança. Basta entrar em contato com Luis Carlos, um dos diretores do Sindicato pelo e-mail assislula@hotmail.com ou se dirigir à sede do SBBA.

A Colônia está localizada em Areias, Camaçari. Quem está de carro deve fazer um retorno depois do pedágio e de ônibus é só atravessar a segunda passarela. Mais informações pelos telefones (71) 3672-1311 ou (71) 3329-3333.



Futebol, teatro, festa. Estímulo às atividades culturais, sociais e esportivas

Sindicato atende bem ao associado

Hoje, a atuação do Sindicato dos Bancários vai além da luta pelas questões salariais e defesa dos direitos da categoria. Os departamentos que compõem a entidade auxiliam os trabalhadores sindicalizados nos cuidados com a saúde, orientação e encaminhamento de ações judiciais contra os bancos, apoio e estímulo a atividades culturais e esportivas.

Ao longo dos anos, o SBBA vem investindo em infraestrutura para acompanhar a evolução tecnológica e atender bem aos bancários. O Sindicato possui sede própria e conta com um

auditório com capacidade para 150 pessoas, o Raul Seixas - Espaço Cultural, biblioteca com vasto acervo, além de todos os departamentos.

Os bancários contam ainda com a estrutura do Ginásio de Esporte, nos Aflitos, Colônia de Férias, em Areias, município de Camaçari, além da gráfica Multi-graf, onde é rodado diariamente o jornal O Bancário e todos os boletins, informativos e demais materiais publicitários.

O atendimento de qualidade oferecido pelo Sindicato ao associado conta com grande equipe de funcionários e colaboradores, que inclui médicos, advogados, jornalistas, secretárias, contadores e profissionais de outras especialidades.

O Bancário

Jornal diário é referência na imprensa sindical brasileira

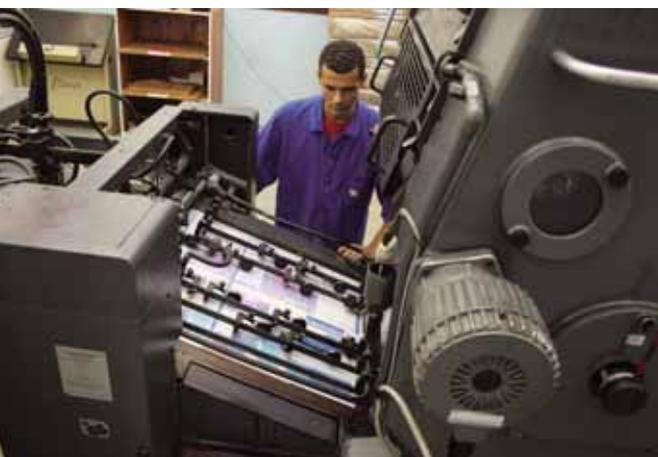


São vinte anos de circulação e quase cinco mil edições diárias, sempre defendendo e fortalecendo a categoria com informações precisas. Um jornalismo digno, sincero e ético. O jornal editado pelo Sindicato dos Bancários da Bahia, consolidou um patrimônio de credibilidade e faz o contraponto ao controle da informação praticado pela imprensa patronal.

O jornal O Bancário chegou para fortalecer a luta da categoria em 1º de dezembro de 1989. Começava aí uma nova fase no jornalismo sindical na Bahia e no Brasil. Um jornal feito por trabalhadores, jornalistas, diagramadores, fotógrafos, profissionais gráficos e distribuído pelos próprios diretores do sindicato, com a finalidade de, através da informação objetiva e de qualidade, mostrar a unidade da luta, fortalecer e ampliar a capacidade de mobilização da categoria.

Um veículo corajoso, democrático e firme, que chega às mãos dos trabalhadores de todos os bancos, seja privado ou estatal, sempre preocupado em ampliar o debate sobre os direitos dos trabalhadores, a relação entre patrões e empregados e o desenvolvimento do país. Um exemplo de sucesso editorial, importantíssimo na construção de grandes vitórias.

O Bancário hoje é referência nacional, não apenas no meio sindical. Políticos, empresários e entidades sociais reconhecem a sua força e buscam seu importante apoio na construção de uma sociedade mais justa, reconhecendo que o jornal aproxima todas as categorias e representa um modelo de comunicação eficiente, sempre na defesa interesses dos bancários, do conjunto dos trabalhadores e da população.



Muito trabalho para botar o jornal na rua

A criação de um jornal diário não foi fácil. Um intenso debate sobre a viabilidade do projeto ajudou a categoria a fortalecer a idéia de um veículo impresso, com tiragem maior que muitos veículos similares da grande imprensa. Viabilizar um projeto desse porte exigia investimentos em um parque gráfico, pessoal e matéria-prima. Foram dois anos de discussões e planejamento até que o Sindicato conseguisse viabilizar o ousado projeto de comunicação.



Álvaro Gomes

A certeza de que era preciso mostrar o outro lado da verdade sindical e lutar contra as idéias divulgadas todos os dias pela elite, que controla os meios de comunicação, transformaram o jornal em um projeto que ganhava corpo a cada dia. O

então presidente do Sindicato, hoje deputado estadual Álvaro Gomes, foi o grande responsável pela transformação do jornal em diário. Veja o que ele conta:

- Tínhamos duas experiências de jornal sindical no Brasil. Os Metalúrgicos e o do Sindicato dos Bancários, ambas em São Paulo. E em 1987, quando assumi a presidência, tive a idéia de implantar o jornal diário na Bahia. Só que a idéia não teve muita aceitação. Tive que amadurecer e, até abrirmos o debate, defendi com muita ênfase a implantação do jornal diário, que era fundamental para o fortalecimento da categoria. O debate foi muito intenso e a diretoria estava dividida. Não foi fácil aprovar a idéia. Muita gente não acreditava no projeto por três motivos. Questionavam a questão da distribuição, da estrutura e das matérias. O debate foi acirrado, mas depois de lançado, aconteceu o inverso. Sobravam notícias a serem publicadas, a distribuição superou as expectativas. E quando fizemos a primeira pesquisa, foi constatado que mais de 90% da categoria lia o jornal. Com relação à estrutura, fomos aperfeiçoando e investindo.

Uma escola de jornalismo sindical

Hoje, 20 anos depois, o jornal diário não apenas se consolidou como virou referência na imprensa sindical do país. Mais que um importante mercado, a estrutura do Sindicato, formada pelo jornal diário, jornais específicos por banco, site e produtora do programa de televisão Agência Cidadania, funciona como uma escola para formação e aperfeiçoamento de profissionais e

estudantes na crescente área de comunicação sindical.

A publicação garante mais emprego para jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas, diagramadores, produtores, profissionais da área gráfica e designers. Cerca de 80 profissionais passaram pela redação do jornal e, atualmente, a estrutura de comunicação do Sindicato conta com a colaboração de 14 profissionais e estudantes. O aprimoramento do processo de produção e a experimentação de novas e cada vez mais eficientes linguagens se transformaram em uma marca da publicação, modelo para outros sindicatos.

Dirigente consciente, militante competente

A história de Álvaro Gomes na militância partidária começou nos anos 70 com o movimento estudantil.

Após ingressar no Bradesco, inicia suas atividades a favor da categoria dos bancários, tornando-se também um dos mais competentes líderes sindicais do Brasil. De 1987 a 2002, assume o cargo de presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia e cria o histórico jornal O Bancário, hoje o único diário sindical do país. Por sua atuação em defesa da categoria, vários países o reconheceram como referência dentro do movimento sindical.

Quase 20 anos depois é eleito deputado estadual mais votado da coligação "Lula Presidente" com 45.762. Esta campanha marcou a união do PCdoB e do PT. Em 2006, novamente o povo elege Álvaro Gomes como deputado estadual por sua atuação em diversos assuntos importantes para Bahia.



Uma história que começou há meio século

O processo de consolidação do jornal dá um salto significativo com o início da publicação diária. Criado em 30 de outubro de 1939 como Bancário Bahiano, o jornal, que até então circulava sem uma periodicidade definida, passa a fazer parte do dia-a-dia da categoria 50 anos depois. O salto de qualidade exigiu um comprometimento cada vez maior e muito mais agilidade.

O jornalista Ney Sá, primeiro editor da publicação, lembra que, no início, o processo de produção era artesanal. "Hoje, com o computador, um jornal é fechado em pouco mais de duas horas, totalmente diferente do fechamento no período jurássico", brinca. Montar a página, com foto, charge e textos, como em um quebra-cabeça, felizmente faz parte do passado, diz ele.

O processo e produção precisam acompanhar a velocidade da informação. Essa é uma das vantagens da superestrutura montada pelo Sindicato para garantir o sucesso de O Bancário, capaz de colocar na rua uma edição especial antes do fechamento das agências bancárias.

Vira noite

Produzido à noite, pela equipe de jornalismo, O Bancário é rodado durante a madrugada, na Muttigraf, de propriedade do Sindicato. Cedo, quando os primeiros funcionários chegam para o trabalho já encontram o jornal quentinho.

Todos os jornais na biblioteca e na internet. Pesquisa

Com mais de 4.500 edições, o acervo do jornal O Bancário é um importante registro dos últimos 20 anos da história política do Brasil. Em suas páginas, disponibilizadas na biblioteca do Sindicato, trabalhadores, estudantes e pesquisadores dão um verdadeiro passeio por temas como a primeira eleição direta do país, os "caras pintadas" e as privatizações do governo FHC.

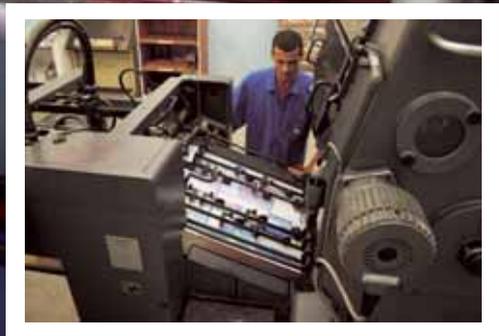
As mudanças da moeda, a informatização do sistema bancário, as campanhas salariais e o processo de demissão de trabalhadores também são assuntos disponíveis para pesquisa. Cada vez mais antenado, o Sindicato começa a digitalizar todo o acervo de publicações. Já estão disponíveis através do site www.bancariosbahia.org.br todas as edições a partir de 2004.

Livros, revistas, jornais específicos e toda produção editorial do Sindicato também podem ser encontrados no acervo da biblioteca, que funciona de segunda à sexta-feira, das 7h às 18h.

Agência Cidadania

No ar desde 2001, o Agência Cidadania traz informações sobre os bancários, cultura, esporte, defesa do consumidor e assuntos de interesse do trabalhador. O programa é exibido pela TV Band, de segunda à sexta-feira, às 12h30. Os internautas podem acompanhar as edições no site do Sindicato dos Bancários da Bahia, www.bancariosbahia.org.br. Desde que começou a veiculação foram transmitidos mais de 2.100 programas.





A MuttiGraf, gráfica dos Bancários, é uma das mais bem equipadas de Salvador e importante ponto de apoio à luta da categoria. A gráfica permite à entidade planejar-se financeiramente e promover importantes campanhas por melhorias das condições de trabalho.



MuttiGraf
Gráfica e Editora 
(71) 3329-0150/4976 - muttiGRAF@ig.com.br

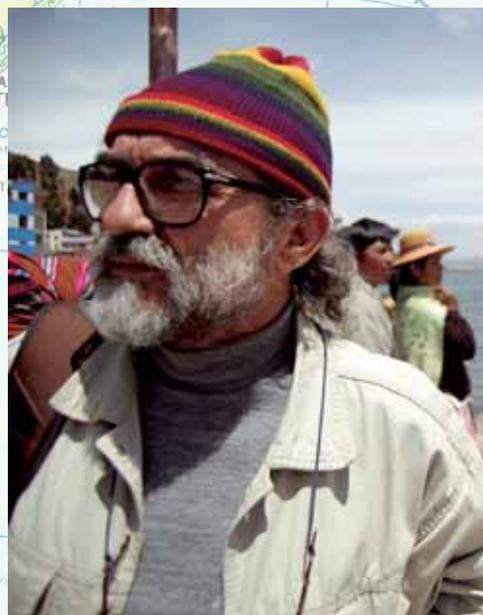
Grande imprensa golpeia a democracia

Jadson Oliveira

Depois de dois anos de viagens pelo Brasil, América Latina e Caribe, tentando acompanhar os movimentos sociais e a política, me saltam na cabeça dois fenômenos:

1 O protagonismo dos segmentos mais pobres da população no processo revolucionário de países como Venezuela e Bolívia, cujos governos hoje podem ser catalogados entre os mais progressistas da região, e onde já está em vigência o que podemos chamar de democracia participativa (por extensão, onde avança a luta em busca do socialismo por caminhos considerados não ortodoxos).

2 A ação deliberada dos principais meios de comunicação - sob a tutela dos interesses do império estadunidense - para desqualificar tal processo e satanizar suas lideranças, em especial o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, hoje o mais destacado líder anti-imperialista nas Américas.



2) Limite exterior del Rio de la Plata

3) Limite lateral marítimo Argentino-Uruguayo



O fator determinante no avanço democrático é a participação ativa das maiorias mais pobres no dia-a-dia da política, o que resulta na aplicação de políticas públicas de inclusão social e de freios ao apetite insaciável dos conglomerados transnacionais. Quer dizer, as maiorias dos dois países acima (e outros, poderíamos acrescentar, por exemplo, Equador e Nicarágua) conseguiram ultrapassar a fase da democracia apenas representativa, na qual o povo é convocado somente para votar e escolher seu presidente periodicamente. Os movimentos sociais raramente vão às ruas defender os interesses das camadas mais esquecidas e injustiçadas e, quando vão, não logram mobilizações significativas.

O que se vê em Caracas e La Paz é a presença quase diária de manifestações de rua, passeatas, ruas “trancadas”, promovidas pelos mais diversos segmentos sociais. Uma vez, na Bolívia, escrevi um artigo me perguntando “com quantas ‘marchas’ e ‘bloqueos’ se faz uma democracia participativa”.

Este critério - a participação direta do povo no dia-a-dia da política - é o básico, na minha opinião, para identificar o grau de democracia de um país. Em consequência, o grau de avanços em favor dos trabalhadores e dos mais “fracos”, como o povo costuma chamar os pobres. Ou ao contrário: o grau de assaltos às riquezas

nacionais perpetrados pelos mais ricos.

Mas os critérios da chamada grande imprensa são outros. O básico é identificar se tais políticas e tais governos ameaçam ou não os ganhos das grandes empresas transnacionais, que insistem em governar o mundo, mesmo que os eleitores de qualquer país nunca tenham sido consultados neste sentido. Hugo Chávez é tratado pela maioria dos órgãos de comunicação do Brasil como “ditador”, como “truculento”, embora nos seus 11 anos de presidência tenha enfrentado 12 eleições: ganhou 11 e perdeu uma. Evo Morales, que é menos atacado que seu aliado Chávez, mas volta e meia é referido como “totalitário”, enfrentou cinco eleições a partir de 2005, quando foi eleito presidente da Bolívia: ganhou todas.

Aliás, o professor norte-americano Noan Chomsky, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, sigla em inglês), disse em recente entrevista que os comentários elogiosos do presidente Lula sobre Chávez e Morales não são publicados pela imprensa dos Estados Unidos, porque os dois não são considerados modelo (modelo do agrado do império, evidentemente).

Só para ilustrar: no Jornal Nacional, da TV Globo, no dia primeiro de fevereiro, foi noticiado que a oposição venezuelana divulgou um ma-

nifesto pedindo o afastamento de Chávez, alegando que após 11 anos de governo ele já teria demonstrado cabalmente sua incapacidade para resolver os problemas do país, etc, etc. Entretanto, o JN sonegou aos seus milhares de telespectadores a resposta do presidente: se a oposição quer o seu afastamento, é só apelar para o referendo revogatório, um dispositivo que está lá na Constituição (dispositivo existente apenas em constituições das democracias mais avançadas), pelo qual os eleitores podem dizer, a qualquer altura do mandato, se o presidente continua ou sai.

Na mesma noite, o mesmo Jornal Nacional sonegou aos brasileiros a informação mais “quente” do noticiário político do dia: a última pesquisa da CNT/Sensus sobre a corrida presidencial indicava que a ministra Dilma Rousseff tinha empatado, tecnicamente, pela primeira vez, com o governador José Serra.

Ainda bem que temos os diversos blogs/sítios/sites na Internet, algumas rádios e TVs comunitárias e alguns órgãos de comunicação que tentam contrabalançar, de alguma forma, os monopólios da mídia brasileira. E os bancários baianos têm o privilégio de contar com O Bancário, jornal há 20 anos diário, editado pelo sindicato da categoria.

Jadson Oliveira é jornalista e ex-bancário



**PRESIDENTE:****Euclides Fagundes Neves****VICE-PRESIDENTE:****Emanoel Souza de Jesus****SECRETÁRIO GERAL:****Olivan de Souza Faustino****2º SECRETÁRIO:****Maria das Graças G. dos S. Miranda****TESOUREIRO:****Elias Lopes dos Santos****2ª TESOUREIRA:****Danúsia Maria Souza Silva****SECRETÁRIO PARA O INTERIOR:****Jovelino Sales Souza****DIRETOR P/ ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL:****Antônio Luiz Araújo Ferreira****DIRETORA P/ PATRIMÔNIO E INFORMÁTICA:****Martha Regina Silva Rodrigues****DIRETOR P/ ASSUNTOS JURÍDICOS:****Fábio Santana Santos Ledo****DIRETOR P/ IMPRENSA E COMUNICAÇÃO:****Adelmo de Assis Andrade****DIRETOR P/ ASS. DE SAÚDE DO TRABALHADOR:****José Alberto S. Barberino****DIRETOR PARA FORMAÇÃO SINDICAL:****Agnaldo Matos Batista****DIRETORA DE CULTURA:****Alda Valéria Garcia da Silva****DIRETOR DE ESPORTES:****Agnaldo Souza de Santana****DIRETOR P/ ADM. DA COLÔNIA DE FÉRIAS:****Luiz Carlos Pereira de Assis****DIRETORA DE POLÍTICA SINDICAL:****Luis Cláudio de Melo Magarão****DIRETORA REP. JUNTO À FEDERAÇÃO:****Augusto Sérgio V. de Oliveira****DIRETORA P/ QUESTÕES DE GÊNERO:****Nole Fraga Evangelista****DIRETOR P/ ASSUNTOS DA COMUNIDADE:****Almir Nascimento Leal****DIRETOR REP. DOS APOSENTADOS:****Antônio de Pádua G. Primo****DIRETOR P/ ASS. SÓCIOS-ECONÔMICOS:****Élder Fontes Perez****DIRETOR P/ ASSUNTOS DE ETNIA E RAÇA:****Áurea Cristina R. de Souza****DIRETOR REP. DOS FINANCIÁRIOS:****Ricardo Augusto G. de Oliveira****DIRETOR EXECUTIVO:****Humberto Santos Almeida****DIRETOR EXECUTIVO:****Érica Pinheiro Mendonça****DIRETOR EXECUTIVO:****Ronaldo Rios da Silva****DIRETOR EXECUTIVO:****Clitnestra Correia Campos****DIRETORA EXECUTIVA:****Patrícia Rocha Ramos****DIRETOR EXECUTIVO:****Roberto Souza Freitas****DIRETORA EXECUTIVA:****Crispina Darcy Barreto de Lima****DIRETOR EXECUTIVO:****Adilson Gonçalves de Araújo****DIRETORA EXECUTIVA:****Dorival Santana****DIRETORA EXECUTIVA:****José Álvaro Fonseca Gomes****DIRETOR EXECUTIVO:****Anderson Santana de Luna****DIRETOR EXECUTIVO:****Paulo de Castro Vieira****DIRETOR EXECUTIVO:****Maria das Graças Possenti Santana****DIRETOR EXECUTIVO:****Antônio da Silva do Carmo****DIRETOR EXECUTIVO:****Diógenes Pacheco de Melo****DIRETOR EXECUTIVO:****Floralval José Bonfim Junior****DIRETOR EXECUTIVO:****Paulo César Barros Cotrim****DIRETORA EXECUTIVA:****Rosângela Miranda de Souza****DIRETOR EXECUTIVO:****José André Cerqueira da Anunciação****DIRETOR EXECUTIVO:****José Humberto P. de Carvalho****DIRETOR EXECUTIVO:****Denise Sousa da Silva Lima****DIRETOR EXECUTIVO:****Wilson José de Freitas****DIRETOR EXECUTIVO:****Róbson Bomfim Oliveira****DIRETORA EXECUTIVA:****Gutemberg de Jesus B. Brito****DIRETOR REGIÃO NORTE:****Alberto Braitt Figueiredo****DIRETOR REGIÃO NORTE:****Cleber Silva dos Santos****DIRETOR REGIÃO OESTE:****Geraldo Ribeiro Neves****DIRETOR REGIÃO OESTE:****Ailton de Jesus Araújo****DIRETOR REGIÃO SUDOESTE:****Ronaldo Luiz Santos Ornelas****DIRETOR REGIÃO SUDOESTE:****Josias Lopes de Oliveira****DIRETOR REGIÃO CHAPADA:****Aroldo Celso Trindade Moreira****DIRETOR REGIÃO CHAPADA:****Júlio Carlos Santana dos Santos****DIRETOR REGIÃO NORDESTE:****Henrique Baltazar da S. Filho****DIRETOR REGIÃO NORDESTE:****Reinaldo Gomes Martins****DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:****Geraldo Eugênio Alves Galindo****DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:****Sílvio Daltro dos Santos****DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:****Roswilson de Freitas Sampaio****DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:****Jerônimo da Silva Júnior****DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:****José Januário Damasceno****DIRETOR CONSELHO FISCAL SUPLENTE:****Eric Leon Schmukler****DIRETOR CONSELHO FISCAL SUPLENTE:****José Cerqueira Costa****DIRETOR CONSELHO FISCAL SUPLENTE:****Aníbal Regis Dias****DIRETORA CONSELHO FISCAL SUPLENTE:****Cely Cristiane Machado Carmo****DIRETOR CONSELHO FISCAL SUPLENTE:****Cristóvão Santana Pires**



O único jornal diário dos trabalhadores no Brasil.

20 anos - 4.550 edições

Quase cinco mil edições diárias, apurando e divulgando informação de qualidade, sob o ponto de vista dos trabalhadores, constituem o patrimônio de credibilidade que o jornal **O Bancário** tem hoje.

Assumindo desde o início o compromisso com a verdade dos fatos, o jornal é um poderoso instrumento de comunicação que vai além da categoria bancária, tornando-se um referencial para toda a sociedade. Nesse sentido, cumpre importante papel no processo de democratização dos meios de comunicação tão necessário ao País.

A opção pelo jornalismo profissional também é uma marca de **O Bancário**. Sempre sob a coordenação de um profissional formado em curso superior de comunicação, o jornal prima pelo compromisso ético com o interesse coletivo, com linguagem jornalística, atual e de fácil leitura, garantindo um jornalismo de qualidade no contraponto às manipulações da grande imprensa.



Edição diária
1989 - 2009



**SINDICATO
DOS BANCÁRIOS
DA BAHIA**

FILIADO À **CTB**

bancariosbahia.org.br

Música

Teatro

Dança

Oficinas

